



**Profletr@s**  
mestrado profissional

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**TATIANE MACIEL DA ROCHA**

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL POR  
MEIO DA PESQUISA ESCOLAR NA INTERNET: UMA RELAÇÃO MEDIADA  
PELO PROFESSOR**

**Mamanguape/ PB  
2018**

**TATIANE MACIEL DA ROCHA**

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL POR  
MEIO DA PESQUISA ESCOLAR NA INTERNET: UMA RELAÇÃO MEDIADA  
PELO PROFESSOR**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE, como exigência para a obtenção da titulação de mestre em Letras.

**Linha de Pesquisa:** Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

**Orientador:** Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel.

**Mamanguape/ PB  
2018**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

R672c Rocha, Tatiane Maciel da.

A construção do conhecimento no ensino fundamental por meio da pesquisa escolar na internet: uma relação mediada pelo(a) professor(a) / Tatiane Maciel da Rocha.  
- Mamanguape, 2018.  
99 f. : il.

Orientação: João Wandemberg Gonçalves Maciel.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEE.

1. Pesquisa escolar - Internet. 2. Letramento digital.  
3. Gêneros discursivos - Textuais. I. Maciel, João  
Wandemberg Gonçalves. II. Título.

UFPB/BC

**TATIANE MACIEL DA ROCHA**

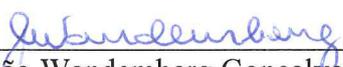
**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL POR  
MEIO DA PESQUISA ESCOLAR NA INTERNET: UMA RELAÇÃO MEDIADA  
PELO PROFESSOR**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE, como exigência para a obtenção da titulação de mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Aprovada em: 26 / 02 / 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel  
Orientador – (UFPB/ PROFLETRAS/ MPLE)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti  
Examinadora Interna – (UFPB/ PROFLETRAS/ MPLE)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira  
Examinadora Externa – (UFPB/ PPGCI)

Aos meus filhos amados, *Sophia Maciel* e *Romeo Maciel*, extremamente compreensíveis nestes dois anos de muita agitação e por demais incentivadores diários do meu crescimento intelectual. Cada linha deste trabalho tem a participação direta e especial de vocês. Sophia, sempre muito crítica, muito inteligente, fazendo correções, dando sugestões, iluminando minha escrita. Romeo, sempre presente ao meu lado, sentado em sua cadeirinha, desenhando seus “artigos e projetos”. A mais bela companhia que pude ter. Vocês são os responsáveis direto pela realização deste sonho. Obrigada, meus amores! Mamãe ama os dois muito além do que o amor pode amar,

Dedico!

## AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos amados, Sophia Maciel e Romeo Maciel, por compreenderem toda a agitação que vivemos nestes dois anos de mestrado e por todo o amor que me dedicam, sempre.

À maravilhosa avó de Romeo, Conceição Nunes, presença ímpar nesta jornada. Sem a ajuda dela (com meu pequeno), cursar esse mestrado seria algo impossível.

À minha querida ex-aluna, Yasmim, responsável por registros importantíssimos feitos em sala de aula e me repassados com tanto cuidado.

À bonita doutoranda, Gerthudes Araújo, por clarear minhas ideias quando mais precisei.

À incomparável e linda, Profa. Dra. Laurênia Souto, por todo o direcionamento dado. Aos professores que, gentilmente, participaram da pesquisa.

À minha tia do coração, Regina Pacó, por todas as palavras de carinho e de incentivo ditas sempre que precisei e preciso ouvir. É colo de mãe.

Às minhas irmãs, Claudiane Maciel e Fabiane Maciel, que não me ajudaram em nada, mas tenho que agradecer pois são irmãs e se não o fizer nossa mãe vai “moer”.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel, por sempre acreditar no meu trabalho.

“Nossa sociedade e nossos professores precisam redefinir os valores nos quais acreditam, os objetivos pelos quais trabalham e o tipo de homem que querem formar”.

ZARAZAGA, José Manuel Esteve.

## RESUMO

A pesquisa escolar sempre foi uma prática recorrente nas salas de aula, tanto acadêmicas, como da educação básica. Realizada pelos alunos nas bibliotecas, em suportes analógicos, livros, enciclopédias, revistas, jornais; hoje, desenvolvida com maior frequência na internet. Entretanto, observa-se que, independente do suporte no qual se realiza essa atividade, há pouco aproveitamento deste tipo de atividade em relação à construção do conhecimento por parte do aluno e à funcionalidade da atividade no contexto escolar. Um dos aspectos que aprimoraria a aplicação, a execução e o aproveitamento deste tipo de exercício seria uma orientação mais precisa por parte do professor que, necessariamente, deve se apresentar ao aluno “como um parceiro na construção do conhecimento” (NININ, 2008, p. 20). Elencam-se algumas razões que se julgam motivadoras para a pouca funcionalidade destes exercícios na escola: a possibilidade de os professores terem pouca habilidade e/ou familiaridade com a prática da pesquisa; pouco letramento digital dos docentes para uma orientação mais precisa da atividade, quando realizada, exclusivamente, na internet; compreensão insuficiente sobre a funcionalidade dos gêneros discursivos/textuais nos quais a atividade culminará. Buscando redefinir essa prática, este trabalho tem como objetivo geral investigar as estratégias que auxiliem os docentes do Ensino Fundamental na produção de suas propostas de pesquisa escolar repassadas em sala de aula. E como objetivos específicos, identificar nos planos de ensino dos professores o papel exercido pela pesquisa; verificar nos enunciados destas atividades quais orientações os docentes repassam aos alunos para a realização do exercício quando este é desenvolvido em ambiente virtual; verificar mediante as respostas do questionário como os professores compreendem as atividades de pesquisa e a internet enquanto suporte para a realização destes exercícios; observar a compreensão que estes docentes têm dos gêneros discursivos/textuais essenciais na finalização da atividade de pesquisa; e propor um manual de orientação docente para a pesquisa escolar realizada no Ensino Fundamental. Para a realização deste trabalho, recorreu-se aos estudos Gil (2010) e Oliveira (2005) sobre a prática da pesquisa; de Bagno (2014) e Demo (2012), (2015), ressaltando a importância do professor pesquisador, orientador, mediador dessa prática; os posicionamentos de Coscarelli (2016) e Ribeiro (2009) a respeito de letramento digital; e Bakhtin (2011) e Marcuschi (2008), tratando dos gêneros discursivos/textuais; dentre outros. Trata-se de uma pesquisa documental/exploratória, trazendo uma abordagem quanti-qualitativa do tipo descritiva dos dados coletados e um manual com algumas estratégias que oriente o professor do Ensino Fundamental na elaboração de suas propostas de pesquisa escolar solicitadas aos alunos em sala de aula.

**Palavras-chave:** Pesquisa escolar. Informação. Conhecimento. Letramento digital. Gêneros discursivos/ textuais.

## ABSTRACT

School research has always been a recurring practice in classrooms, both in academic and in basic education. In the past, it was performed by students in physical libraries or with analogical supports. Nowadays, it is more often done on the internet. However, regardless of how the research is supported, this exercise is of little use to developing students' knowledge or to functionality in the school context. One aspect that would improve the application, execution and use of this type of exercise is further orientation by teachers, who must present themselves to the student "as a partner in the construction of knowledge" (NININ, 2008, p.20). Some reasons are given that may be responsible for the low functionality of these exercises in school. First, some teachers may have limited ability and/or familiarity with the research. Second, teachers may lack knowledge of how to deal with digital literacy to provide proper orientation for activities conducted on the Internet. Third, teachers may have insufficient understanding of the functionality of essential discursive/textual genres considered essential to conducting most school research exercises. In an attempt to redefine this practice, this study generally aims to propose strategies to assist elementary school teachers in developing their research proposals. This study also has the following specific objectives: to identify the role of research in elementary school teachers' lesson plans; to verify the types of orientation teachers give their students when the exercises are developed in a virtual environment; to verify through questionnaire answers how teachers understand research activities and the Internet as supports to perform these exercises; to observe teachers' understanding of the discursive/textual genres considered essential to research; and to propose a teacher orientation manual to meet the requirements of school research in elementary schools. To these ends, we used studies by Gil (2010) and Oliveira (2005) on the conducting of research; by Bagno (2014) and Demo (2012), (2015) on the importance of teachers, researchers, counselors and mediators in this practice; by Coscarelli (2016) and Ribeiro (2009) on digital literacy; and by Bakhtin (2011) and Marcuschi (2008) on dealing with discursive/textual genres, among other studies. This is a documental/exploratory study of an ethnographic nature that used both a quantitative and a qualitative approach to the collected data and concludes by presenting a manual with some orientations to elementary school teachers regarding the requirements of research in the classroom.

**Keywords:** School research. Knowledge. Digital literacy. Discursive/textual genres.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Plano de ensino da disciplina de Arte .....	43
Figura 2 – Objetivos .....	59
Figura 3 – Assertivas .....	60
Figura 4 – Sala de aula .....	61
Figura 5 – Justificativa .....	61
Figura 6 – Pensando .....	62
Figura 7 – Professor mediador.....	63
Figura 8 – Dúvidas .....	64
Figura 9 – Tema de pesquisa .....	64
Figura 10 – Diversidade de cultura.....	65
Figura 11 – Delimitando o tema .....	66
Figura 12 – Internet e suport.....	66
Figura 13 – Orientação no mundo virtual.....	67
Figura 14 – CTRLC/ CTRLV .....	68
Figura 15 – Professor mediando a pergunta .....	68
Figura 16 – Buscadores .....	69
Figura 17 – Pesquisa no buscador <i>google</i> .....	70
Figura 18 – Tema de pesquisa no buscador <i>google</i> .....	70
Figura 19 – Pesquisa de <i>sites</i> no <i>google</i> .....	71
Figura 20 – Seleção no <i>google</i> de <i>sites</i> específicos para pesquisa .....	72
Figura 21 – Escolha no <i>google</i> de um site particular para pesquisa.....	72
Figura 22 – Pesquisando.....	73
Figura 23 – Livro/ computador.....	73
Figura 24 – Leitura no computador .....	74
Figura 25 – Leitura no tablet .....	75
Figura 26 – Momento de leitura .....	76
Figura 27 – Leitura concentrada.....	77
Figura 28 – Leitura crítica .....	77
Figura 29 – Escrita.....	78
Figura 30 – Copiar/colar.....	79
Figura 31 – A escrita .....	80

Figura 32 – Saber escrever .....	81
Figura 33 – Rascunho .....	82
Figura 34 – Rascunho rabisco .....	82
Figura 35 – Questionamentos sobre a escrita .....	83
Figura 36 – Revisão de texto .....	84
Figura 37 – Livro de leitura.....	85
Figura 38 – Página de pesquisa do <i>google</i> .....	86
Figura 39 – O professor e o gênero discursivo/textual.....	87
Figura 40 – Gêneros discursivos/textuais.....	87
Figura 41 – Gênero discursivo/textual: exemplos .....	88
Figura 42 – Apresentação .....	89
Figura 43 – Ideia assertiva.....	90

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Planos de ensino de 2017 dos professores do 9º ano.....	43
Quadro 2 – Análise das respostas do questionário .....	49
Quadro 3 – Propostas de pesquisa escolar solicitadas pelos professores .....	50
Quadro 4 – Perguntas .....	59
Quadro 5 – Problema de pesquisa teórico .....	62
Quadro 6 – Problema de pesquisa prático .....	62
Quadro 7 – Orientando a pesquisa do aluno.....	67
Quadro 8 – Enunciado .....	79
Quadro 9 – Redação de textos .....	80
Quadro 10 – Perguntas/guia .....	83
Quadro 11 – Questionamentos sobre os procedimentos a serem tomados pelos alunos.....	85
Quadro 12 – Gênero discursivo/textual .....	87

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 A PESQUISA ESCOLAR NA INTERNET .....</b>	<b>19</b>
2.1 A PESQUISA CIENTÍFICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	19
2.2 PESQUISA ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	21
2.3 PESQUISA NA INTERNET: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE ESCOLAR.....	25
2.4 AS LEITURAS REALIZADAS NA INTERNET: A SELEÇÃO CONSCIENTE DAS INFORMAÇÕES.....	27
2.5 A ESCRITA / REESCRITA DAS INFORMAÇÕES COLETADAS.....	30
<b>3 A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO DIGITAL E DOS GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS NA PESQUISA ESCOLAR.....</b>	<b>33</b>
3.1 O LETRAMENTO DIGITAL E A PESQUISA ESCOLAR.....	33
3.2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS COMO RESULTADO FINAL DAS ATIVIDADES DE PESQUISA ESCOLAR.....	36
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>39</b>
4.1 CONTEXTO E SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA.....	39
4.2 TIPO DE PESQUISA.....	40
4.3 DADOS DA PESQUISA.....	41
4.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	42
<b>4.4.1 Planos de ensino dos docentes participantes da pesquisa.....</b>	<b>42</b>
<b>4.4.2 Questionário aplicado aos docentes participantes da pesquisa.....</b>	<b>44</b>
<b>4.4.3 Propostas de atividades de pesquisa escolar solicitadas pelos docentes participantes da pesquisa.....</b>	<b>49</b>
4.5 PRODUÇÃO DE UM MANUAL QUE AUXILIE OS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM SUAS PROPOSTAS DE PESQUISA ESCOLAR.....	52
<b>5 MANUAL DE PESQUISA ESCOLAR PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL .....</b>	<b>54</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>99</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Foram muitas as salas de aula pelas quais passei nesses vinte anos de magistério. Entre estados do Norte e do Nordeste do Brasil, instituições públicas e particulares, alunos apresentando os mais variados perfis, venho somando experiências, em sua maioria, muito boas. Saber que muitos profissionais em atuações competentes em suas áreas de trabalho, passaram pelos meus “ensinamentos”, considero a maior e melhor destas experiências. Também recebi muito em troca. Conheci os costumes dos alunos amazonenses, os sotaques dos maranhenses, os interesses dos baianos e venho conhecendo, diariamente, os anseios, os desejos, as perspectivas dos paraibanos. Todos eles contribuíram e contribuem para a minha formação enquanto professora de Língua Portuguesa e como pessoa.

Como docente, sempre procurei deixar as aulas o mais próximo possível da realidade dos meus alunos, possibilitando-lhes ver nas atividades orais e escritas algo que os remeta ao seu dia a dia, e que não fique somente ali; algo que ultrapasse as muitas barreiras que a sociedade lhes impõe diariamente. Inúmeros já compreenderam esse meu propósito e seguiram adiante. Outros, porém, preferiram caminhos diferentes. E outros tantos, ainda estão em processo de compreensão, dividindo comigo o espaço das salas de aula.

Um professor comprometido com sua prática pedagógica procura levar ao aluno atividades interessantes, instigantes, desafiadoras. Sempre procuro seguir esse direcionamento. Sempre vi nas atividades de pesquisa escolar um caminho para desafiar meu aluno, instigá-lo a produzir e a construir o conhecimento, a ir atrás do saber, a se encantar pela busca do novo, a desenvolver suas próprias estratégias de leitura e de escrita da pesquisa. Essas atividades encaminham para a chave do segredo do sucesso, tanto para mim como para os alunos. Mas na prática, tudo se distancia incrivelmente e os miraculosos exercícios tornam-se vazios e incoerentes com os objetivos pretendidos pela escola da contemporaneidade.

Muitos são os motivos que tenho para considerar “vazia” a atividade de pesquisa proposta pela escola. Antes, contudo, faço algumas colocações cabíveis: o homem em sua essência traz consigo a curiosidade, a necessidade aliada ao desejo de saber mais, de conhecer, de entender, de apreender aquilo que o cerca. Essa necessidade é que o move na sociedade enquanto sujeito e, conseqüentemente, faz a sociedade avançar. Os avanços, por sua vez, acontecem em todas as áreas: na medicina, na engenharia, na agronomia, na

educação, etc., e hoje, muitos desses avanços estão completamente atrelados ao desenvolvimento das tecnologias digitais contemporâneas.

Na atual sociedade, onde a informação e o conhecimento apresentam-se às pessoas de forma imensurável, as tecnologias, em especial, as digitais, visivelmente imbricadas ao cotidiano das pessoas, são as grandes responsáveis por esse derrame de informações. Por meio dos avanços tecnológicos, as sociedades se transformaram, transformam-se e se transformarão. São estes avanços que permitem ao homem compreender as mudanças climáticas, descobrir a cura de doenças, construir pontes suspensas monumentais, comunicar-se vencendo as barreiras do tempo e do espaço, etc. Portanto, nota-se o quão é importante a apreensão dessas tecnologias na atualidade.

São inúmeros os meios que permitem os avanços tecnológicos, mas nada que possa ser comparado ao surgimento da Internet. Essa tecnologia transformou a vida das pessoas, revolucionou as formas de comunicação entre elas, rompeu as barreiras que as separavam, deu-lhes autonomia, disponibilizou informações, instruções, aprendizados, leituras e escritas múltiplas. A Internet chegou a todas as esferas da sociedade, inclusive, à educação.

No cenário educativo, a Internet vem dando grandes contribuições para a inserção de práticas pedagógicas que otimizem o processo de ensino-aprendizagem, em especial, da leitura e da escrita nas salas de aula e fora delas. Uma das práticas pedagógicas mais viabilizadas por meio da internet diz respeito às atividades de pesquisa escolar em ambiente virtual; atividades que recebem grande valoração por parte dos professores de todas as disciplinas, mas que precisam ser compreendidas, internalizadas, orientadas e só então solicitadas ao aluno. Bagno (2014, p. 21), assevera que:

A pesquisa é, mesmo, coisa muito séria. Não podemos tratá-la com indiferença, menosprezo ou pouco caso na escola. Se quisermos que nossos alunos tenham algum sucesso na sua atividade futura – seja ela do tipo que for: científica, artística, comercial, industrial, religiosa, intelectual... – é *fundamental e indispensável* que aprendam a pesquisar. E só aprenderão a pesquisar se os professores souberem ensinar. (Grifo do autor).

O professor precisa ter ciência do seu papel de orientador da pesquisa do seu aluno. Além dessa ciência, precisa ser habilitado para isso. Não podemos solicitar ao aluno aquilo que não estamos habilitados a fazer. Diante de tal contexto, Bagno (2014, p. 22), afirma-nos:

Antes de pedir à classe que faça uma pesquisa, o professor tem que estar plenamente consciente da seriedade que envolve este tipo de trabalho. Precisa também ter bem claro o *propósito*, o *objetivo*, a *finalidade* daquela pesquisa. Pesquisar só por

pesquisar? Só porque a secretaria de ensino pede? Só porque virou modismo pedagógico? Com licença... . (Grifo do autor).

As atividades de pesquisa escolar realizadas em sua maioria nas bibliotecas em suportes analógicos, a exemplo dos livros, das enciclopédias, das revistas, dos jornais, hoje, são desenvolvidas em grandes proporcionalidades e frequência em suportes digitais. A Internet é um suporte pelo qual simpatizam professores e alunos, uma vez que a disponibilidade de informações dispostas é imensurável e praticamente acessível a todos. A tela do computador, do *tablet*, do celular, do *smartphone*, ligados à Rede, proporciona o texto escrito, a imagem, o som (o texto multissemiótico propriamente dito) de forma muito mais rápida. Uma Internet que, segundo Moran (1997), traz consigo um imenso oceano de informações; e, como todo oceano, é preciso que haja treinamento no nado, do contrário, o afogamento nas informações é algo previsível.

Na perspectiva das práticas educativas potencializadas pelo uso da *Web*, temos observado que muitos colegas docentes parecem não apresentar habilidades suficientes no que diz respeito às atividades de pesquisa escolar que solicitam aos alunos e que estas sejam realizadas em ambiente virtual; ou seja, os professores, que conforme nomenclatura de Prensky (2001) poderiam ser cognominados de imigrantes digitais, solicitam aos alunos atividades de pesquisas em suportes digitais, embora estes mesmos docentes pareçam carecer de letramento digital nessa prática educativa. Mesmo que consideremos a Internet um dos melhores suportes para a prática da pesquisa escolar, o letramento digital docente para motivar/ orientar/ letrar o aluno neste ambiente é imprescindível. É necessário que os professores apresentem aos alunos os cuidados necessários que estes precisam ter em relação à leitura, à escrita e à reescrita dos textos. Mostrar-lhes o trato adequado no que diz respeito às informações “alheias” que a *Web* disponibiliza. Do contrário, as atividades de pesquisa escolar na Rede serão transformadas em atividades vazias, uma somatória de informações copiadas e coladas, totalmente desprovidas de autoria e/ou coautoria. Frente a tais práticas, Fragoso, Recuero e Amaral (2010, p. 21), asseguram:

A prática da pesquisa *na internet, através da internet ou a respeito da internet* reposiciona uma série de dilemas éticos. Isso é particularmente evidente por ocasião da coleta e análise de dados disponibilizados na rede, que solicita o questionamento sobre o que é ou não público e, por consequência, passível de trabalho e divulgação nos resultados da pesquisa. (Grifo do autor).

Realizar a pesquisa escolar na Internet requer a compreensão daquilo que pode ou não ser “copiado” e divulgado. O aluno não tem, ou se tem esse conhecimento, necessita ser

aprimorado. O professor, por sua vez, deve fazer esse aprimoramento e, por isso, precisa primeiramente letrar-se no uso da Internet enquanto local para a pesquisa para depois ensinar a seu aluno como realizar tal atividade.

Os problemas que as atividades de pesquisa na Rede solicitadas pelos professores e realizadas pelos alunos apresentam, ainda, estendem-se e chegam à produção dos gêneros discursivos/textuais em decorrência da falta da promoção de uma leitura e de uma escrita adequadas e funcionais do material pesquisado; melhor dizendo, não há um norte que leve os alunos a uma apreensão acerca da funcionalidade e da estrutura dos gêneros para o contexto escolar e para a interação social, não há a definição de um gênero discursivo/textual no qual a pesquisa deva culminar. Os docentes não se preocupam em deixar claro para o aluno qual o trabalho final que este deverá apresentar como resultado das informações pesquisadas, nem como fazê-lo, para que ele servirá e tampouco a quem será apresentado. Diante de tantos problemas observados e objetivando se não os resolver, amenizá-los, optamos pela temática da pesquisa na Internet desenvolvida no contexto escolar.

A justificativa para a escolha do tema, obviamente, apoiou-se em minha experiência enquanto professora, observando regularmente a pouca eficácia (não construção do conhecimento) das atividades de pesquisa propostas pelos professores e realizadas pelos alunos. Este estudo, portanto, tem como objetivo geral investigar as estratégias que auxiliem os docentes do Ensino Fundamental na produção de suas propostas de pesquisa escolar. E como objetivos específicos, identificar nos planos de ensino dos professores desse nível de ensino o papel exercido pela pesquisa; verificar nos enunciados das atividades de pesquisa quais orientações os docentes repassam aos alunos para a realização do exercício quando este é desenvolvido em ambiente virtual; verificar mediante as respostas do questionário como os professores compreendem as atividades de pesquisa e a Internet enquanto suporte para a realização destes exercícios; observar a compreensão que estes docentes têm dos gêneros discursivos/textuais essenciais na finalização da atividade de pesquisa; e propor um manual de orientação docente no tocante às solicitações da pesquisa escolar no Ensino Fundamental.

Os procedimentos metodológicos para este trabalho iniciaram com a coleta dos seguintes dados: os planos de ensino de 2017 dos docentes do 9º ano das disciplinas de Arte, Educação Física, Geografia e Língua Portuguesa; as propostas de atividades de pesquisa solicitadas pelos professores no primeiro semestre de 2017; e o questionário aplicado a estes mesmos professores. Após a coleta, passamos às análises quanti-qualitativa dos dados. No tocante aos planos de ensino, verificamos o papel desempenhado pela pesquisa nestes planos, ou seja, em quais seções a pesquisa escolar encontrava-se. Nas propostas de pesquisa

solicitadas, quantificamo-las por disciplina e observamos as orientações que eram repassadas aos alunos para a realização do exercício, principalmente, quando desenvolvido na Internet. E em relação ao questionário, verificamos como os docentes compreendem o exercício da pesquisa escolar, como compreendem a Internet enquanto suporte para a realização da atividade, visto que este é o principal suporte utilizado pelos alunos da escola onde lecionamos, e como compreendem os gêneros discursivos/textuais essenciais na finalização da atividade de pesquisa, bem como na promoção das informações pesquisadas.

Este trabalho desenvolveu-se em capítulos, propostos e descritos da seguinte forma: este primeiro momento diz respeito à introdução do trabalho, abordando os seguintes tópicos: escritos sobre a nossa experiência como professora que vê na pesquisa escolar uma atividade promissora; temática da dissertação, objetivos, justificativa, procedimentos metodológicos e as referências do trabalho.

O primeiro capítulo que trata da pesquisa escolar na Internet, traz de início alguns posicionamentos acerca da pesquisa científica: Oliveira (2005), quando diz que a pesquisa tem dois propósitos: a produção de novo conhecimento e aprofundar todo aquele conhecimento já produzido. Gil (2010), quando este define os motivos para a realização da pesquisa, podendo ser intelectuais ou práticos. Embora o autor não trate da pesquisa escolar, consideramos imprescindível essa definição nas atividades de pesquisas propostas pelos professores, uma vez que os alunos precisam de objetivos definidos para a realização destes exercícios; se pesquisam pelo próprio prazer em conhecer ou para resolução de problemas práticos.

Ainda no primeiro capítulo, abordamos a pesquisa escolar propriamente dita. Neste tópico, baseamo-nos nos estudos de Demo (2012), (2015), ressaltando a importância do professor pesquisador. Bagno (2014), deixando explícita a necessidade de o professor definir os objetivos, o propósito, a finalidade da pesquisa escolar, bem como a importância de um produto final como contribuição. Apresentamos ainda os suportes nos quais se realizam as atividades de pesquisa escolar. Antes, realizada em suportes analógicos; na atualidade, realizada em grandes proporções em suportes digitais. Neste trabalho, optamos pela pesquisa na Internet tendo em vista a preferência dos professores e dos alunos pelo suporte. Moran (2012), traz a pesquisa e o acesso à Internet como essenciais para o sucesso profissional e a construção da cidadania. Para o autor, “saber pesquisar, escolher, comparar e produzir novas sínteses, individualmente ou em grupo, é fundamental para ter chances na nova sociedade que estamos construindo” (MORAN, 2012, p. 8). E finalizando o capítulo, trazemos os tópicos sobre a importância da leitura e da escrita das informações pesquisadas na Rede. Como fazer

uma seleção consciente do conteúdo informacional disponível no ambiente virtual. A Internet sempre metaforizada e apresentada por Moran (1997) como um oceano de informações, cuja navegação precisa ser cuidadosamente guiada.

No segundo capítulo, abrimos espaço para o letramento digital e para os gêneros discursivos/textuais. O letramento digital é uma realidade a ser aceita, compreendida e vivenciada por todos. No âmbito educacional e principalmente lá, essa realidade precisa ser apresentada, ensinada, conduzida pelos professores. Ribeiro (2009) já defendia a urgência em se conceituar o letramento digital, vez que a sociedade se encontra emaranhada pelas mídias digitais. Estas mídias revolucionam as práticas de leitura e de escrita e aí surge a necessidade de os sujeitos apropriarem-se delas. Do contrário, como mostra a autora, passarão ao status de excluídos digitais. E aquele que é “excluído” não tem como “sobre (viver)” na sociedade enquanto sujeito ativo, autônomo, crítico.

Ainda no segundo capítulo apresentamos um subtópico sobre a questão dos gêneros discursivos/textuais. A língua se realiza por meio de gêneros, como coloca Marcuschi (2008). Ou seja, a pesquisa escolar precisa culminar em um produto final oral ou escrito. Cabendo ao professor, a definição prévia deste produto, deste gênero discursivo/textual que o aluno produzirá.

No terceiro capítulo detemo-nos aos procedimentos metodológicos que incluíram a pesquisa documental/exploratória de cunho etnográfico sobre os temas abordados no trabalho; a coleta e a análise dos dados, no caso, planos de ensino dos docentes participantes da pesquisa, algumas propostas de pesquisa escolar repassadas por eles e o questionário que fora aplicado a estes professores.

No quarto capítulo apresentamos um manual de orientação docente destinado a professores do Ensino Fundamental, cujo objetivo é orientar estes docentes na produção de propostas de pesquisa escolar que priorize a internet como suporte.

Finalizando, trazemos as considerações, as referências e os apêndices. Nas considerações retomamos, dentre outros pontos, o quão vago é a pesquisa escolar solicitada aos alunos do Ensino Fundamental e apresentamos aos docentes como podemos aprimorar este tipo de atividade com a mediação direta do professor.

## 2 A PESQUISA ESCOLAR NA INTERNET

Enquanto seres humanos, vivemos diariamente em meio a um turbilhão de indagações, de questionamentos, de dúvidas. São essas dúvidas que alimentam a construção dos conhecimentos nas sociedades. E para saná-las e construir esses conhecimentos, recorreremos à pesquisa, seja ela acadêmica, laboratorial, escolar, etc. A pesquisa científica, independentemente do local de realização, é essencial para o avanço da humanidade. Trazemos a seguir algumas considerações sobre a pesquisa considerada por nós essenciais para o entendimento deste trabalho.

### 2.1 A PESQUISA CIENTÍFICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 1483), dá-nos algumas definições para a pesquisa, dentre elas: “1. Conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário e artístico etc. 2. Investigação ou indagação minuciosa”. O Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 583), apresenta a pesquisa em uma segunda definição como “2. Investigação e estudo, minuciosos e sistemáticos, com o fim de descobrir fatos relativos a um campo de conhecimento”. Portanto, para ambos, a pesquisa significa a busca por descobertas de novos conhecimentos. Pesquisar é buscar por ideias de outros, por saberes já edificados, mas imprescindíveis na construção de novos. Segundo Oliveira (2005, p. 70):

É através da realização de pesquisas que se chega a produzir novos conhecimentos ou aprofundar tudo o que foi construído em termos de avanços científicos e tecnológicos. Podemos afirmar que a pesquisa é tão antiga quanto a própria evolução da espécie humana e a sistematização do conhecimento foi tomando forma a cada etapa da história da humanidade.

A pesquisa alavanca as sociedades, seus conhecimentos, sua evolução. É por meio da pesquisa que o homem concretiza a sua necessidade de conhecer o novo, corroborar ou negar aquilo que já foi dito, acrescentando ou não outros saberes. Para Gil (2010, p. 02):

Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem, no entanto, ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente e eficaz.

Independente da classificação na qual a pesquisa se enquadra, diz-se que o conhecimento é desenvolvido por meio das respostas e/ou indagações que a pesquisa proporciona. Em consonância com o posicionamento de Gil (2010), Booth, Colomb e Williams (2005, p. 3), apresentam uma proposta de pesquisa, que consideram idealista: “resolver um enigma, satisfação de descobrir algo novo, satisfação de descobrir algo que ninguém não conhece e contribuir, no final, para o enriquecimento de conhecimento humano”. Nota-se que em ambos os posicionamentos também há um destaque para o desejo da descoberta do novo. O novo fascina, a descoberta do novo move a sociedade, guia o ser humano na empreitada da pesquisa que poderá “seguir caminhos tortuosos, dando guinadas imprevisíveis, podendo dar voltas sobre si mesma” (BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2005, p. 4).

Pesquisar exige trabalho, cujos resultados finais devem ser partilhados socialmente, conforme defendem Booth, Colomb e Williams (2005, p. 5) ao considerarem a pesquisa um “trabalho árduo”, cujos resultados são “atos sociais”. A pesquisa precisa ser de interesse social. É na/para a vida real que ela se insere e encontra ali seus objetivos mais precisos. A pesquisa é o alimento primordial da realidade e é na atividade do ensino que, segundo Minayo (1994, p. 16), ela se atualiza “frente à realidade do mundo”. E como preconiza Bagno (2014), prever ações humanas que não passem pelo processo da investigação é algo difícil de imaginarmos.

A atividade de pesquisa não é uma construção surgida do nada. Outros já alicerçaram conhecimentos para que cada construção nova tenha uma base. São as chamadas teorias que servem de orientação, de norte para as pesquisas futuras. Entretanto, nenhuma teoria é por si só suficiente. Para Minayo (1994), cabe ao pesquisador também lançar mão de suas vivências e determinação na realização de um trabalho de pesquisa eficiente. Para Bagno (2014), a maneira de se adquirir conhecimentos novos é por meio da pesquisa. Pesquisar é buscar, investigar, indagar, explorar todas as outras possibilidades que os teóricos e pesquisadores nos oferecem para construir os nossos próprios, almejados e necessários saberes.

Marconi e Lakatos (2013, p. 3), também defendem a ideia da importância das teorias para o embasamento das pesquisas. Segundo as autoras,

Toda pesquisa deve basear-se em uma teoria, que serve como ponto de partida para a investigação bem sucedida de um problema. A teoria, sendo instrumento de ciência, é utilizada para conceituar os tipos de dados a serem analisados. Para ser válida, deve apoiar-se em fatos observados e provados, resultantes da pesquisa. A pesquisa dos problemas práticos pode levar à descoberta de princípios básicos e, frequentemente, fornece conhecimentos que têm aplicação imediata.

Podemos notar que, apresentando ou não definições e/ou conceitos distintos para a prática da pesquisa, a defesa de bases teóricas sólidas são consideradas imprescindíveis. A realidade só é compreendida e interpretada de modo coerente quando a teoria é considerada junto ao empenho do pesquisador.

Segundo Motta-Roth e Hendges (2010), a atividade de pesquisa é considerada uma atividade humana dependente de um planejamento para a concretização dos objetivos pretendidos. Posicionamento do qual não discordamos, tendo em vista que a arte de planejar é inerente à arte de pesquisar independente do contexto no qual a pesquisa se realiza. Ou melhor, dos contextos, visto que “ a pesquisa é uma atividade que, embora não pareça, está presente em diversos momentos do cotidiano” (BAGNO, 2014, p. 16). Do ato mais simples, sair à procura de material escolar para o filho, aos estudos sobre a cura das mais graves doenças. O(s) contexto(s) determina(m) os objetivos da pesquisa e os rumos que esta deve tomar. No contexto escolar, a pesquisa também precisa seguir seu rumo, do contrário, vira uma prática caótica para professor e aluno.

## 2.2 A PESQUISA ESCOLAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A atividade de pesquisa escolar proposta por nós, professores, em salas de aula precisa de objetivos definidos, claros e, além disso, funcionar como meio para que o aluno construa seu próprio conhecimento. Este tipo de exercício é fundamental para o desenvolvimento crítico do aluno, para o desenvolvimento de sua autonomia. No entanto, Demo (2015, p. 02) faz ressalvas ao dizer que “Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana”. Manejar a pesquisa dentro dos preceitos da ciência e sem desconsiderar o contexto singular da sala de aula não nos parece tarefa simples.

Nós, professores, vivemos em meio a esta situação controversa: não fazemos pesquisa, visto que há essa lacuna em nossos cursos de formação. Logo, temos dificuldades em pesquisar e quando nos propomos a fazer, fazemos de forma limitada. Solicitamos atividades aos alunos sem ter domínio das mesmas. Segundo Bagno (2014), o professor deve mostrar ao aluno os passos necessários para a realização da pesquisa, antes de solicitá-la. A pesquisa escolar realizada na educação básica não apresenta o nível de aprofundamento que aquela realizada na universidade, e diga-se de passagem, nem poderia. O exercício precisa ser algo mais simples tendo em vista o público que produzirá e ao qual se destina. Porém, mesmo

considerada iniciante, a atividade, obrigatoriamente, precisa ser orientada pelo professor. Professores e alunos precisam desenvolver uma parceria na construção do conhecimento por meio da pesquisa desenvolvida na escola. Os alunos, por sua vez, precisam de estímulos para construir argumentos, questionamentos e posicionamentos sólidos.

A pesquisa escolar é uma atividade constante na vida de professores e alunos e os acompanha desde muito tempo. Mas como já dito, trata-se de uma pesquisa carente de entendimento, orientação, estímulo, compreensão. Uma prática que parece não receber o tratamento adequado, uma vez que “nem sempre cumpre seu papel em relação ao desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos e à construção do conhecimento” (NININ, 2008, p. 19). Não há uma motivação anterior para o exercício. Não há o desenvolvimento de estratégias que permita ao aluno tratar as informações pesquisadas de modo crítico, reflexivo, útil, autônomo. Sem desenvolver essa autonomia esperada, o estudante torna-se “refém” das informações e muitas vezes estas são apenas copiadas de materiais impressos e/ou copiadas e coladas de *sites* da Internet. A coautoria do aluno desaparece frente ao seu trabalho de copista. E se o aluno copia e cola em uma atividade de pesquisa, a orientação do professor, se ocorreu, não foi eficiente.

Conforme já defendido por alguns autores, a pesquisa precisa ser construída pelo aluno sob o papel mediador do professor. Segundo Ninin (2008, p. 21), a pesquisa na escola é

[...] uma atividade sistematizada e mediada entre sujeitos, pautada em instrumentos que propiciem a construção do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia, por meio de ações com características de reflexão crítica, que priorizam descobrir, questionar, analisar, comparar, criticar, avaliar, sintetizar, argumentar, criar.

Professores e alunos precisam atuar em conjunto durante grande parte do processo da pesquisa. As informações pesquisadas não devem ser aceitas como verdades inquestionáveis. O questionamento, a criticidade, a avaliação, etc., daquilo que se pesquisou é imprescindível para que se construa significados para a pesquisa. Segundo Ninin (2008, p. 21), o aluno sai daquele puro e simples saber artificial, alimentado pelo acúmulo de informação, para a construção do conhecimento propriamente dito.

Bagno (2014, p. 81), deixa claro que:

Fazer pesquisa é assumir um compromisso e uma responsabilidade. Todo trabalho tem que ter um produto final. No nosso caso, a pesquisa tem de dar aquela contribuição, de que já falamos, para o aperfeiçoamento intelectual do indivíduo, da turma, da escola, da comunidade.

Diante de tal contexto, a pesquisa escolar não pode ser gratuita, sem um propósito, como apresentada por muitos docentes. Toda pesquisa deve contribuir para o crescimento intelectual daqueles que dela participam, direta ou indiretamente. Dessa forma, chegar à sala de aula e impor, sem um debate, um tema muitas vezes desinteressante para a maioria dos alunos, fazer a divisão da sala em grupos, estipular um prazo de entrega e determinar uma nota, não se trata de fazer pesquisa. Pesquisa na escola vai muito além da mecânica desses comandos. E por ser no ambiente escolar, a pesquisa precisa ter o compromisso com a produção do conhecimento, precisa contribuir com novos saberes e, para isso, o professor necessitará definir junto aos alunos os métodos mais adequados para a realização do trabalho.

A pesquisa científica também pode e deve ser realizada nas escolas de Educação Básica. Obviamente, que o rigor exigido não será o mesmo. A pesquisa científica é a “investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso” (BAGNO, 2014, p. 18), e os nossos alunos, em suas salas de aula e/ou fora delas, orientados pelos professores, podem pesquisar sobre um assunto específico, trazer os conhecimentos que já foram produzidos, estudados, apresentados e que estão disponíveis sobre aquele assunto e a partir desses estudos e de suas vivências, caminhar para a produção de novos conhecimentos.

Mas é preciso que o professor esteja disposto e preparado para ir ao encontro deste momento de descoberta do novo pelo aluno. “Um professor que se apresenta ao aluno como um parceiro na construção do conhecimento e para isso, oferece indicações “abertas” que instigam a curiosidade dos alunos em relação ao assunto estudado” (NININ, 2008, p. 20). A pesquisa na escola precisa deixar de ser uma atividade desprovida de significação e trazer significados para aqueles que a realizam. Para a autora,

A pesquisa abre espaços para que o aluno trabalhe com suas próprias indagações pessoais e desenvolva opiniões próprias, fundamentadas, a respeito dos temas pesquisados. A pesquisa é, então, entendida como um instrumento problematizador que, quando planejada e mediada pelo professor, faz do aluno-copiador um aluno-pesquisador.

O aluno, diante da atividade de pesquisa, precisa tirar as vestes do copiador propriamente dito, e desenvolver habilidades que o tornem descobridor, questionador, crítico, argumentador, criador, etc. O desenvolvimento de tais habilidades e tantas outras só será possível, como já dito aqui, com a mediação segura e responsável do professor. Mas nem sempre o professor se encontra tão seguro nessa tarefa, e várias são as questões que impedem essa segurança e as habilidades docentes no trabalho com a pesquisa escolar. Ninin, (2008, p.

23), resume estas questões com muita clareza na citação a seguir, que, embora longa, sentimos a necessidade de transcrevê-la:

Professores, muitas vezes, conduzidos por crenças em práticas educacionais que viveram quando estudantes e por processos de formação docente que privilegiaram discussões sobre estratégias de ensino pautadas na transmissão de conhecimentos e no poder da quantidade de informações [...]. Acabam por enfatizar os grandes temas propostos nos livros didáticos, acreditando que, para conhecê-los, os alunos precisam apenas escrever exaustivamente sobre eles. [...] pesquisas são propostas a partir de tópicos de conteúdos curriculares e os alunos são incentivados [...] a coletar dados escritos por diferentes autores e compilá-los, em um único texto. Outras propostas de pesquisas estão orientadas a temas atuais e, para isso, os alunos recorrem à internet ou a jornais e revistas. [...] seriam necessárias orientações precisas sobre como os alunos deveriam estabelecer relações entre o tema da atualidade e os fundamentos teóricos estudados em sala de aula. Caso essas orientações não sejam explicitadas na proposta de pesquisa ou não sejam discutidas em sala de aula, os trabalhos tendem a limitar-se ao fato em si ou, quando muito, a efeitos que causam no meio social.

O professor precisa trazer para si a responsabilidade do papel de pesquisador e daquele que requer a pesquisa. Precisa considerar que o trabalho de pesquisa desperte um interesse coletivo, que a temática seja previamente discutida, que se exponha objetivos claros, que os alunos sejam guiados nas fontes de conhecimentos disponibilizadas, etc.; questões muitas vezes ignoradas na escola.

A pesquisa, assim como tantas outras atividades, necessita ser ensinada. O professor deve ensinar o aluno a aprender a pesquisar. Bagno (2014, p. 15), afirma que:

*Ensinar a aprender, então, é não apenas mostrar os caminhos, mas também orientar o aluno para que desenvolva um olhar crítico que lhe permita desviar-se das “bombas” e reconhecer, em meio ao labirinto, as trilhas que conduzem às verdadeiras fontes de informação e conhecimento. (Grifo do autor).*

O aluno precisa ter ciência de que nem todo caminho aberto é o mais adequado a seguir; que nem toda informação disponível é a mais aceitável e confiável. A sociedade disponibiliza as mais inúmeras fontes de informação. Na atualidade, a preferência de professores e alunos recai sobre a internet, devido à quantidade, à praticidade e à disponibilidade dessas informações. A Internet, para muitos, é sinônimo de pesquisa. Na Internet tudo se acha, tudo se cria e tudo se copia. Nossos alunos dominam sabiamente a técnica de copiar as informações disponíveis na *web*. Se o professor não deseja corrigir cópias de páginas da Rede apresentadas pelos alunos, precisa guiá-los nesse processo da navegação no espaço virtual, na coleta das informações, na leitura, na escrita e na reescrita destas, atentando para questões relacionadas ao plágio, ao tratamento das citações do outro, ao que é

público ou não, à ética na pesquisa. Mesmo na Educação Básica, esses aspectos devem ser trabalhados em sala de aula.

### 2.3 PESQUISA NA INTERNET: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE ESCOLAR

A Internet revolucionou o acesso à informação em todo o mundo. Atualmente, essa informação é disponibilizada a todos por meio de textos, hipertextos, arquivos de som, vídeo, aplicativos, etc., basta que as pessoas tenham acesso a computador, a celular, a *notebook*, a *tablet*, a *smartphone* etc., conectados à Internet. Há pouco tempo, o acesso às mesmas informações era limitado aos suportes analógicos: livros, revistas, jornais, enciclopédias, disponíveis nos ambientes físicos das bibliotecas, museus, escolas. E para ter contato com estas informações, as pessoas precisavam se dirigir até esses locais onde transcreviam ou xerocopiavam aquilo que consideravam importante para o que precisavam. Muitas pesquisas eram limitadas no que alude à quantidade e à qualidade das informações, tendo em vista essa dificuldade espaço-temporal que acabava por frear muitos trabalhos.

A *Web*, por sua vez, veio, dentre outras coisas, revolucionar toda essa busca pela informação. Segundo Mercado (2002),

A internet faz parte da globalização e é uma forma de comunicação fácil, barata e difundida, que irá inevitavelmente transformar a vida dos que se aventuram pelo ciberespaço, permitindo acesso a longínquas bases de dados e a informações que, de outro modo, seriam difíceis de encontrar. É uma ferramenta poderosa, porque reúne grande número de informações que não constam em livros ou que vão ser publicadas daqui a alguns anos.

As informações disponíveis em todo o mundo podem ser acessadas de qualquer lugar e a qualquer hora apenas com um clique e/ou toque. A oferta de conteúdo informacional é incalculável “caudalosa, fácil e atordoante” (RANGEL; FREIRE, 2012, p. 25). Informações que, literalmente, atordoam devido à quantidade e que muitas vezes acabam dispersando o aluno/navegador/pesquisador. Além dessa infinidade de conteúdo informacional, a Internet traz consigo a velocidade com que as informações aparecem, desaparecem, permanecem, ou seja, circulam, no espaço virtual. Aquele que navega/pesquisa na Rede precisa estar ciente dessa circulação dos conteúdos na *Web*. Segundo Fragosso (2015, p. 55),

A internet é um universo de investigação difícil de recortar, em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e dinamismo (todos os elementos

são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se modifica a cada momento.

Saber lidar com essa escala de componentes imensuráveis, tão heterogêneos e dinâmicos, requer, antes de mais nada, habilidade, treino, aprendizagem. A exposição a esse incalculável número de informações faz-nos perder o rumo da pesquisa, os objetivos. Ficamos perdidos e começamos a nos afogar nesse oceano tão acessível mesmo àqueles que não sabem nadar.

A Internet, segundo Coscarelli (2016) e Mercado (2002), é metaforicamente apresentada como uma grande biblioteca que traz informações sobre as mais variadas áreas do saber. Mercado (2002), deixa claro que na Internet “o problema é saber buscar e saber selecionar as informações. A questão não é a falta, mas de excesso de informações disponíveis”. Coscarelli (2016, p. 12), corrobora com as ideias do autor ao afirmar que aqueles que navegam na Internet:

[...] precisam saber como encontrar informação, precisam saber onde e como encontrar eficientemente essas informações, precisam selecionar as informações que julgam mais adequadas e pertinentes. O acesso à informação é um direito do cidadão. Contudo, ele precisa estar preparado para saber onde encontrar as informações de que precisa e em que confia e ler criticamente essas informações.

Navegar em um espaço cujas informações extrapolam qualquer meio de mensuração torna-se imprescindível que o aluno/navegador/pesquisador desenvolva habilidades de seleção dessas informações. A chegada do digital, redimensionando a capacidade de processar, transmitir e armazenar informações, requer dos usuários a urgência no aperfeiçoamento de suas habilidades diante do que é ofertado pela *Web*, vez que as informações pesquisadas na Rede precisarão ser transformadas em conhecimento pelo aluno/pesquisador. Valente (2005, p. 4), faz uma precisa diferenciação entre informação e conhecimento:

A informação será tratada aqui como os fatos, os dados que encontramos nas publicações, na internet ou mesmo naquilo que as pessoas trocam entre si. [...] O conhecimento é o que o indivíduo constrói como produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação.

Na escola, precisamos estar atentos a essa diferença quando se trata das atividades de pesquisa solicitadas aos alunos. Receber do aluno o exercício impresso, cópias de *sites* da Internet, em nada temos a comprovação de que aquele aluno adquiriu qualquer tipo de conhecimento durante a realização da atividade. A informação para ser transformada em conhecimento requer interpretação, análise, questionamento, avaliação, crítica, criação e

recriação, “o que implica a atribuição de significados de modo que a informação passa a ter sentido para aquele aprendiz” (VALENTE, 2005, p. 3-4). Para que todas essas ações sejam praticadas, a presença e a orientação do professor precisam ser constantes.

Diferentemente do que muitos imaginam, a pesquisa na Internet é totalmente dependente da figura ativa do professor. A experiência dele é primordial nesse processo. É por meio da experiência que o professor observará se a construção de conhecimentos nas atividades de pesquisa escolar realizadas pelos alunos está de fato se concretizando. Essa vivência lhe permitirá agir na pesquisa do aluno, colaborando, orientando, participando efetivamente do processo. Segundo Valente, (2005), o professor precisa estar preparado para agir junto ao processo de aprendizagem do seu aluno, identificando se este está sendo capaz de transformar aquilo que pesquisou em conhecimento.

Navegar na Internet, copiar e colar informações de *sites*, não faz de nenhum aluno um pesquisador. Melhor dizendo, não faz de ninguém um pesquisador. A pesquisa vai muito além. Selecionar informações apenas, não traz conhecimento a quem o fez. A informação precisa ser processada pelo estudante, precisa ser “criticada e discutida” (VALENTE, 2005, p. 3). Duvidar daquilo que lemos na Internet faz-nos mais críticos e mais seletivos com as informações ali dispostas. Saber selecionar informações importantes em meio a uma quantidade exorbitante de conteúdo informacional sobre aquilo que pesquisamos não é uma tarefa fácil, embora necessite ser realizada com primor. A leitura a ser realizada precisa ser atenta, crítica, reflexiva. Uma leitura compromissada com o objetivo pretendido na pesquisa.

#### 2.4 AS LEITURAS REALIZADAS NA INTERNET: A SELEÇÃO CONSCIENTE DAS INFORMAÇÕES

A Internet proporciona ao navegador/pesquisador um número imensurável de informações. É o ambiente virtual que, sem dúvida, disponibiliza de forma aberta, gratuita e acessível, grande parte do conteúdo informacional do qual o pesquisador necessita, podendo ter acesso total ou parcial a este. O conteúdo, por sua vez, precisa ser lido e as informações internalizadas para só assim ocorrer a transformação desse conteúdo em conhecimento.

A junção leitura e Internet é um grande desafio a ser vencido pelos professores ao solicitar aos alunos atividades de pesquisa na rede. São muitos os benefícios que a associação leitura/Internet pode trazer à aprendizagem do alunado, dentre eles, a autonomia deste na construção do seu próprio conhecimento. Porém, a leitura das informações disponibilizadas na Rede precisa ser orientada pela escola. E nessa relação, a escola desempenha papel

importantíssimo enquanto mediadora. Segundo Santana, Silva e Santana (2010), para que a ralação leitura e Internet produza os conhecimentos necessários contribuintes na qualificação e no desempenho do cidadão, faz-se necessária a mediação de uma pedagogia transformadora. E é essa pedagogia que muitas escolas não apresentam.

A leitura é apresentada pelos PCNs (BRASIL, 1997), como um processo, cujo foco principal deve ser a compreensão e não a decodificação do material lido. É necessário que o aluno tenha e mantenha uma postura reflexiva diante dos textos. Neste caso, independe se impressos ou digitais. A leitura é vista como prática social e por isso “é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal” (BRASIL, 1997, p. 43). O aluno, ao pesquisar informações na Internet precisa, antes de mais nada, lê o conteúdo informacional pesquisado. Lê com objetivos definidos, posicionando-se de maneira crítica e reflexiva diante do que lhe é exposto.

Não é nova a ideia de que a Internet potencializa a produção do conhecimento daqueles que dela se utilizam, em seu primeiro momento, realizando leituras. Independente do objetivo para o qual acessamos a *Web*, a leitura, seja ela rápida ou mais centrada, ocupa lugar de destaque. Com objetivos educativos, a leitura realizada pelos alunos precisa ser filtrada. Segundo Silva (2008), o leitor do ambiente virtual precisa agir de forma seletiva diante da quantidade imensurável de informações ali expostas; caso contrário, poderá se perder facilmente; ou melhor, afogar-se nesse oceano cujas informações estão a perder de vista.

Umberto Eco (2000), em entrevista à *Veja Digital*, comparou a Internet a uma enchente de informação. Nas palavras do autor, “não há como parar a invasão de informação [...]. A internet nos obriga a saber. Você não pode parar a informação”. É fato que não podemos frear esse derrame de informações. No entanto, precisamos estar habilitados a agir de forma crítica diante delas, sabendo distinguir o que daquelas informações joradas nos proporcionarão conhecimento ou o que é simplesmente “lixo cultural” (ECO, 2000).

Ainda na perspectiva dessa imensidão de Informações disponíveis na internet, o autor já apontava o papel mediador da escola como solução para que os jovens distinguissem o que é informação relevante daquilo que é posto por ele como “lixo cultural”, e assim, realizar a pesquisa de maneira eficaz. Notemos que a entrevista dada pelo escritor já passa de uma década, mas ainda hoje, vemos essa necessidade da filtragem adequada das informações e sabemos que cabe à escola a tarefa de ensinar a fazê-lo. A escola, porém, não avançou muito enquanto mediadora da pesquisa escolar do aluno, seja ela realizada em meios analógicos ou digitais.

Segundo Almeida (2008), embora a Internet já tenha se assemelhado a uma biblioteca desprovida de fichas catalográficas, isso mudou consideravelmente em virtude da evolução dos *sites* de busca. Todavia, mesmo com tamanha evolução, a leitura realizada pelo leitor/navegador, melhor dizendo, o aluno/navegador, ainda precisa ser ordenada, guiada, orientada pelo professor, uma vez que:

O leitor na web não lê da mesma forma que o leitor de livros ou revistas de papel. O leitor-navegador tem o mundo ao alcance do clique do *mouse*. Basta o texto tornar-se monótono para que o leitor dirija-se a outras paragens, provavelmente para nunca mais voltar, (ALMEIDA, 2008, p. 34).

A leitura na *web* ainda disputa espaço com os milhares de outros atrativos que este ambiente disponibiliza: arquivos de som, imagem, vídeos, *games*, etc. Somando-se a esses atrativos, o número abusivo de informações disponíveis sobre um mesmo tema, capaz de deixar qualquer leitor/ aluno/ navegador atordoado em pouquíssimo tempo de pesquisa. Para Almeida (2008), uma característica do leitor-navegador é que ele é fugidio. Uma fuga que ao nosso entender parte do desinteresse, da distração ou da confusão gerada pelos muitos conteúdos ali dispostos. Aspectos que poderiam ser minimizados pelo professor, quando capacitado, letrado digitalmente nas práticas educacionais de leitura em ambiente virtual.

Os leitores/ alunos/ navegadores, ao depararem-se com o texto na tela precisam ter a consciência de que a leitura a ser realizada não se assemelha à leitura realizada no impresso. Os suportes distintos permitem leituras também distintas. Segundo Soares, (2002, p. 150):

O texto no papel é escrito e é lido linearmente, sequencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela – o hipertexto – é escrito e é lido de forma multilinear, multi-sequencial, acionando-se *links* ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida. A dimensão do texto no papel é materialmente definida [...] o hipertexto, ao contrário, tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique.

E são as habilidades de ler na tela que os professores, se já as têm, precisam ensinar aos alunos. O aluno enquanto leitor, se ensinado, “se adapta ao novo suporte, ao novo objeto de ler, e o novo objeto vai sendo refinado e projetado de acordo com as demandas do leitor, fundamentadas no uso” (RIBEIRO, 2011, p. 130).

A Internet, ambiente onde nativos digitais passam boa parte do tempo, onde se encontram, encontram seus pares, identificam-se, interagem, dividem as mais variadas sensações e emoções, surge como um meio potencializador da prática da leitura. A escola

precisa fazer uso da Rede enquanto suporte tão “adorado” pelos alunos para otimizar a prática da leitura das informações durante as atividades de pesquisa.

## 2.5 A ESCRITA/ REESCRITA DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

Não é nenhuma novidade mencionarmos aqui as dificuldades encontradas pelos alunos ao se depararem com a folha/tela em branco, necessitando, obrigatoriamente deixar ali seus escritos. Na verdade, esta dificuldade atinge grande parte das pessoas. Pôr no papel ideias que não se tem, argumentos que não se construiu, reflexões que não se produziu, pode deixar qualquer um atordoado. Para que a escrita flua é imprescindível alimentá-la, especialmente, por meio da leitura. Sim, partimos do pressuposto de que quem lê tem menos dificuldades para escrever.

Segundo Ferrarezi Jr e Carvalho (2015, p. 15), “o fato é que se aprende a escrever de pequeno, por um processo metódico, insistente e árduo [...]”. Corroborando com o pensamento dos autores, consideramos a escrita um trabalho e um trabalho complexo, precisamente árduo que necessita ser muito bem planejado e executado e, anterior a estas etapas, precisa ser ensinado. O professor deve ensinar o aluno a escrever. A escrita não é uma habilidade natural do ser humano. O seu caráter artificial exige ensinamento pela escola. Ainda Ferrarezi Jr e Carvalho (2015, p. 16), “*Escrever é uma competência* e, para aprender a escrever, é preciso dominar certas habilidades”. (grifo do autor).

Neste tópico não temos a pretensão de discorrer sobre o percurso histórico da escrita, tipos de escrita, as habilidades que o aluno deve desenvolver para se tornar um escritor proficiente. Traremos de forma breve, algumas considerações sobre a escrita/reescrita solicitadas durante a atividade de pesquisa escolar, considerando que muitos professores têm preferência por um material escrito como resultado final a ser entregue pelo aluno. Aquele material que deve ser produzido, mediante a coleta e a leitura das informações pesquisadas.

Qualquer pessoa, seja ela aluno do Ensino Fundamental ou não, para escrever algo é necessário que saiba sobre o que vai escrever, de que forma vai fazê-lo, a quem sua escrita se destina e para que ela servirá. Tudo isso, de preferência, antecipadamente. Não se escreve do nada; ou melhor, alguns podem até fazê-lo, mas não no caso da pesquisa escolar da qual estamos tratando aqui. O processo da escrita requer procedimentos a serem seguidos. E estes procedimentos precisam ser ensinados, uma vez que:

[...] só se escreve quando existe um motivo, uma razão interessante, algo produtivo a fazer com a escrita. Ninguém escreve apenas para cumprir uma tarefa escolar. Isso significa considerar a escrita como um valioso instrumento comunicativo, capaz de desenvolver, além de habilidades típicas da escrita, como aquelas relacionadas à ortografia, à coesão, à coerência, etc., também outros aspectos essenciais na formação de um aluno para a vida, como o raciocínio lógico, a expressão escrita e oral, a organização do pensamento cotidiano, a realização de tarefas importantes da vida ou o cumprimento de obrigações sociais, o próprio estabelecimento de sua posição social, a comunicação de suas ideias e ideologias, enfim, tudo isso por meio da escrita (FERRAREZI JR; CARVALHO, 2015, p. 23).

Ao definir objetivos para a escrita do aluno, o professor já minimiza algumas das dificuldades que aquele pode vir a encontrar. A escrita tratada aqui neste trabalho é vista por nós como uma prática interativa – professor e aluno – muito embora em nossas escolas temos a cultura de transformá-la em uma prática solitária, individual, que fica a cargo somente do estudante. Acreditamos que professor e aluno devem “escrever” juntos. O professor sempre no seu papel de mediador, orientador da escrita. Para Antunes, (2003, p. 45):

Uma atividade é interativa quando é realizada, conjuntamente, por duas ou mais pessoas cujas ações se interdependem na busca dos mesmos fins. Assim, numa *interação* (“ação entre”), o que cada um faz depende daquilo que o outro faz também: a iniciativa de um é regulada pelas condições do outro, e toda decisão leva em conta essas condições. Nesse sentido, a escrita é tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala.

Não se aprende a escrever de um estalo, tampouco a escrita funciona como uma atividade de etapa única. Precisamos retirar essa cultura das nossas salas de aula e implantar de vez a etapa da reescrita. Escrever, especialmente na escola, deve ser um processo interativo, dialógico. Segundo Rocha (2015), professores e alunos devem estar interagindo durante toda a produção, fazendo ajustes nas informações, adaptando-as, reformulando-as e o mais importante, reescrevendo o texto sempre que necessário. "Textos passam por processos de lapidação como os diamantes. São cortados, aumentados, transformados, virados pelo avesso, amassados, condensados. O texto, como o diamante, só brilha depois de muito apanhar" (SQUARISI; SALAVADOR, 2015, p. 14).

Todo o processo de “lapidação” da escrita acontece por meio da reescrita. Que muitas vezes vai desde as primeiras linhas até o produto final a ser entregue. Trata-se de uma etapa que requer disposição de ambas as partes (aluno-professor) para realizá-la. Para Viana (2011, p. 90), “Escrever é sempre estar olhando para frente e para trás. Para isso, é preciso que tenhamos muita consciência do que colocamos no papel, senão ao final só restará um amontoado de ideias desconexas”. Cabe, portanto, ao professor desenvolver estratégias que viabilizem o desenvolvimento por parte do aluno dessa competência. E tal competência só é

possível por meio da reescrita. A prática da escrita única, do momento único não deve ser alimentada pelos professores.

A etapa da reescrita é o momento de analisarmos e melhorarmos aquilo que escrevemos. É o momento de verificarmos se executamos aquele objetivo pretendido, se não houve fuga à temática, se as ideias foram bem desenvolvidas, se argumentamos de maneira clara e convincente, se as macro e microestruturas do texto funcionaram precisamente (ROCHA, 2014, p. 13).

Na atividade de pesquisa escolar, a etapa da reescrita é fundamental. De posse de todas as informações coletadas, reescrever, trazer autonomia para a escrita destes dados não é tarefa fácil. E eis que chega a tentadora “ideia” de copiar e colar. Os meios digitais hoje nos propiciam isto de maneira rápida e prática, apenas com o toque dos dedos. Anteriormente, na exclusividade dos suportes analógicos, as práticas da cópia e da cola também se faziam presentes e constantes, mas nada pode ser comparado à potencialização destas com o surgimento da Internet.

A escrita das informações que se coleta da *Web* precisa ser disciplinada, guiada, ensinada. É necessário inicialmente que se parta da visita a bons *sites* e da coleta de bom material. Devido à fase iniciante do alunado do Ensino Fundamental na prática da coleta de dados em ambiente virtual, o papel mediador do professor torna-se imprescindível. Este deve assumir o papel de coautor da pesquisa de seu aluno, “escrevendo” em conjunto.

Para que a prática da escrita e o processo da reescrita da pesquisa escolar ocorra de forma orientada, consciente, faz-se necessário que o professor deixe claro para o aluno qual o gênero discursivo/textual que ele deverá entregar como produto final, seja este escrito ou oral. Sempre defendendo a ideia de que o professor deve solicitar ao aluno aquilo que lhe foi apresentado em sala de aula. Ou seja, solicitar a produção de gêneros que sejam do conhecimento do aluno, possíveis de trabalhar em classe e que, obviamente, apresentem utilidade ao serem propostos.

Partindo desses pressupostos, o próximo capítulo trará breves considerações sobre a importância de termos em salas de aula professores letrados digitalmente, em especial, aqueles docentes que trabalham as atividades de pesquisa escolar de forma constante e que têm predileção pela internet como suporte. E ainda a importância, por parte destes mesmos docentes, da apreensão dos gêneros discursivos/textuais indispensáveis para a finalização deste tipo de atividade.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO DIGITAL E DOS GÊNEROS DISCUSIVOS/TEXTUAIS NA PESQUISA ESCOLAR**

A língua não é estanque. O tempo, o espaço, os sujeitos, as tecnologias, são determinantes para as modificações pelas quais a língua, seja ela escrita ou oral, passa. As informações, antes mais dependentes das distâncias espaço-temporais, hoje são relativamente mais acessíveis e chegam aos sujeitos apenas com um clique e/ou toque. O texto digital muitas vezes ganha do impresso em tempo, em espaço, em economia, em praticidade. O mundo tornou-se “digitalmente enredado” e “as novas tecnologias impactaram a aprendizagem linguística” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 10). A língua segue o curso das tecnologias e o sujeito que faz uso dessa língua precisa também seguir esse curso, letrando-se digitalmente, ou seja, precisa desenvolver habilidades e estratégias linguísticas necessárias para agir nos mais variados contextos que fazem uso dos recursos digitais.

#### **3.1 O LETRAMENTO DIGITAL E A PESQUISA ESCOLAR**

O letramento digital é, por assim dizer, dependente do letramento impresso. Mesmo com as mudanças significativas que a escrita sofre no ambiente digital, a presença da escrita defendida pela escola, a chamada escrita formal, ainda é dominante. No entanto, não há como negar as outras formas de interação pela língua escrita surgidas com o advento das novas mídias. O surgimento dos novos meios de informação e comunicação, em especial da internet, pressiona os sujeitos no emprego dessas tecnologias, no uso instrumental e crítico desses aparelhos digitais, para que não se tornem os chamados “excluídos digitais”, que, segundo Ribeiro (2009, p. 16) é a parte da população sem acesso à *World Wide Web*, mas que se relaciona a esse mundo da Internet. Não há mais como conceber a sociedade em que vivemos sem as práticas digitais de leitura e de escrita.

A ideia que muitos têm de que somente o computador permite o acesso dos sujeitos ao mundo digital não se sustenta mais. As chamadas mídias móveis também permitem esse acesso. O letramento digital mostra que mesmo o indivíduo não “dominando” as práticas de leitura e de escrita nos chamados ambientes digitais, ele tem a compreensão do quão importante é essa apreensão. Ele pode até não saber enviar uma mensagem de texto pelo celular, mas sabe que o aparelho apresenta tal função e compreende a importância da mesma.

Na atualidade, as sociedades dispõem de um sistema de mídias enriquecido pelas mídias digitais e tais mídias vão exigir dos sujeitos letramentos para apreendê-las. Chartier (*apud* RIBEIRO, 2009, p. 24), “afirma, em entrevista inédita, que, se existe uma “nova legibilidade”, por conta dos novos suportes do texto, também será necessário pensar e executar o que ele chama de “nova alfabetização”. Essa “nova alfabetização” pode ser definida aqui como o comando do instrumento digital, bem como o entendimento do uso que dele se faz. Frente a tal conjuntura, Ribeiro (2009, p. 24), ressalta que:

Se antes convivíamos com a separação entre alfabetizados e analfabetos, minorada pelo surgimento das preocupações com o letramento, agora novas questões são postas. Uma delas é aquela relacionada aos *analfabites*, pessoas que, embora saibam ler e escrever, e por vezes dominem os suportes tradicionais de escrita, não dominam novas mídias, mais especificamente o computador e a Internet. Mais uma vez, podemos afastar a dicotomia entre *analfabites* e *alfabetizados* para que emergja uma nova discussão: a do *letramento digital*. (Grifo do autor).

O letramento digital reposiciona o sujeito dentro da sociedade. Dá-lhe voz, autonomia e efetiva participação nas práticas sociais atuais. Trata-se de habilidades necessárias no cotidiano das pessoas, vez que as práticas de leitura e de escrita estão em todos os contextos sociais. E como já apontada por Kleiman (1995), a escola por ser a “agência de letramento por excelência”, precisa assumir a responsabilidade do letramento digital dos alunos. Xavier (2005), reportando-se ao posicionamento de alguns estudiosos diz que, “O crescente aumento na utilização das novas ferramentas tecnológicas (computador, cartão magnético, caixa eletrônico etc.) na vida social tem exigido dos cidadãos a aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos”. Essas habilidades só podem ser desenvolvidas por meio do letramento digital, considerado por muitos autores “um novo tipo, paradigma ou modalidade de letramento”.

Letrar digitalmente os alunos tornou-se imprescindível na atualidade, em virtude do crescente avanço das tecnologias digitais. Esse tipo de letramento, segundo Xavier (2005), vai permitir que as pessoas vivam como verdadeiros cidadãos nas sociedades tão dominadas pelas tecnologias. Trata-se de uma modalidade de letramento que desafia as novas formas de aprender. Segundo Tapscott (1999, *apud* XAVIER, 2005, p. 3) as habilidades daqueles que nasceram e estão crescendo nesse contexto tecnológico digital apresentam-se da seguinte forma:

[...] independência e autonomia na aprendizagem; abertura emocional e intelectual; preocupação pelos acontecimentos globais; liberdade de expressão e convicções

firmes; curiosidade e faro investigativo; imediatismo e instantaneidade na busca de soluções; responsabilidade social; senso de contestação; tolerância ao diferente.

Trata-se, pois, de uma geração mais crítica, mais contestadora diante dos acontecimentos que a rodeiam. As novas mídias possibilitam ao indivíduo a liberdade de poder contestar, de agir, de argumentar, de criar, de mover-se dentro da sociedade. Mas toda essa mobilidade crítica precisa ser direcionada, orientada pela escola, posto que os alunos são muitas vezes impetuosos e agem sempre com aquela convicção de que estão certos. Nesse momento precisa entrar a figura do professor como mediador, orientador.

A prática pedagógica do docente precisa mudar diante desse novo contexto permeado pelas tecnologias digitais. O professor precisa deixar de ser o transmissor da informação e passar a desempenhar o papel de pesquisador, daquele que articula o conhecimento, que gerencia a aprendizagem do aluno, que sugere, consulta, motiva. Para Xavier (2005, p. 03):

A competência para usar os equipamentos digitais com desenvoltura permite ao aprendiz contemporâneo a possibilidade de reinventar seu cotidiano, bem como estabelece novas formas de ação, que se revelam em práticas sociais específicas e em modos diferentes de utilização da linguagem verbal e não-verbal. O letramento digital requer que o sujeito assuma uma nova maneira de realizar as atividades de leitura e escrita, que pedem diferentes abordagens pedagógicas que ultrapassam os limites físicos das instituições de ensino.

E toda essa desenvoltura dos alunos diante das mídias digitais, atuando ativamente, deve ser observada, organizada, coordenada pelo professor. Letrar o aluno digitalmente é prepará-lo para atuar em sociedade enquanto cidadão. Portanto, para Xavier (2005, p. 8) “A aquisição do *letramento digital* se apresenta como uma necessidade educacional de sobrevivência” (Grifo do autor).

E se considerarmos a predileção dos nossos colegas professores e dos nossos alunos pelo ambiente virtual na solicitação no desenvolvimento de suas pesquisas escolares, comprovamos ainda mais a necessidade do letramento digital de ambos. Obviamente que os professores podem já trazer consigo esse letramento, porém falta o ensinamento do mesmo ao alunado para que estes naveguem na Internet, pesquisem suas informações de maneira consciente e de forma mais conscienciosa ainda, transformem aquele conteúdo pesquisado em conhecimento.

### 3.2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS/TEXTUAIS COMO RESULTADO FINAL DAS ATIVIDADES DE PESQUISA ESCOLAR

A linguagem efetiva-se por meio de enunciados, sejam eles orais ou escritos e estes enunciados são materializados por meio dos gêneros do discurso como pregado por Bakhtin. Os gêneros “tipo relativamente estáveis de enunciados”, “são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 262 e 268), uma vez que para o autor, as relações existentes entre a linguagem e a sociedade não se dissociam.

Os gêneros discursivos são produzidos dentro das esferas da atividade humana, dentro dos domínios ideológicos (político, religioso, educacional, etc.) e se apresentam em uma variedade imensa, abordando assim, todas as situações comunicativas, orais e escritas, posto que não há interação verbal sem que se faça uso de gêneros do discurso. Segundo Bakhtin (2011, p. 282):

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros do discurso orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência. (Grifo do autor).

Saindo um pouco da perspectiva Bakhtiniana dos gêneros discursivos e enveredando-nos pela perspectiva dos gêneros textuais, Marcuschi (2008), defende que tratar os gêneros textuais é tratar a língua em seu dia a dia nos mais diferentes formatos. E que, portanto, “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral” (MARCUSCHI, 2008, p. 149). Analisar o gênero vai muito além do trato com seus aspectos formais (estruturais e linguísticos). Por seu surgimento ocorrer em função das demandas nas atividades comunicativas socioculturais e tecnológicas, consideramos imprescindível tratar de seus aspectos sociocomunicativos e funcionais.

Os gêneros ordenam a comunicação humana, apresentam dinamicidade, são repletos de significados e apresentam inúmeras finalidades. “Os gêneros são como os grupos sociais e os seres humanos que os usam: mutáveis, variáveis, dinâmicos, às vezes até mesmo contraditórios e irregulares” (ALVES FILHO, 2011, p. 20). Segundo Marcuschi (2005, p. 20), “os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem”. Notamos, portanto, que há uma dependência do gênero em relação ao contexto sócio-histórico no qual se originou.

Deixemos claro que nenhum gênero textual surge do nada. Conforme nos diz Marchuschi (2005, p. 19), todos estão ancorados, assimilados ou transmutados em gêneros já existentes. É por meio dos gêneros que os sujeitos tomam voz e agem dentro da sociedade; são por assim dizer “formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”.

Tomando a sala de aula como uma situação comunicativa e a pesquisa escolar como uma atividade que deve resultar em um produto final, seja uma apresentação oral ou escrita, notamos o quão é relevante que se determine o gênero discursivo/textual no qual a pesquisa deva culminar, vez que o ideal é que a pesquisa não seja gratuita, ou seja, que as informações pesquisadas sejam, de uma forma ou de outra, apresentadas. A pesquisa na escola precisa de propósitos definidos, de promoção, precisa circular para que a comunidade escolar tenha conhecimento daquele trabalho. Definir um gênero para o aluno saber o que realmente precisa entregar ao professor é importantíssimo.

A apresentação oral ou escrita supracitada realiza-se por meio dos gêneros discursivos/textuais. A atividade humana de comunicação é organizada em torno de gêneros e o professor, ao definir o gênero discursivo/textual no qual a pesquisa escolar culminará, estará, dentre outros aspectos, definindo a finalidade do exercício, o público ao qual se destina, o propósito comunicativo, etc., ou seja, estará orientando/guiando o aluno em sua produção.

O trabalho com os gêneros hoje é exclusividade dos professores de língua portuguesa. Todavia, a leitura, o estudo, o entendimento destes é dever de qualquer docente. Nossa sociedade é organizada pelas práticas sociais e são os gêneros que dão vida e voz a estas práticas. Nas salas de aula, independentemente da disciplina, os gêneros estão presentes. O professor de história solicitando um resumo escrito. A professora de arte trabalhando a biografia de Pablo Picasso. Todo o trabalho de sala de aula – prática social – realiza-se por meio dos gêneros.

Partindo deste pressuposto, é fundamental que os demais docentes tenham noções sobre os gêneros no que diz respeito à funcionalidade, ao estilo, à composição, ao propósito destes. Não é componente curricular das demais disciplinas que não língua portuguesa, mas acreditamos que solicitar ao aluno que resuma trechos de um livro de história sobre a ditadura militar, vai requerer do professor que este também saiba produzir o resumo; que saiba trabalhar/compreender/redigir as partes deste gênero, a finalidade, o estilo, a linguagem; ou seja, como este se caracteriza, a quem se destina, o contexto no qual se solicita o gênero, etc.,

Professores de outras disciplinas que não língua portuguesa precisam dar aos alunos subsídios para que consigam produzir e apresentar o gênero requerido.

Todavia, não percebemos estas orientações em nossas salas de aula. A maioria dos professores fazem a solicitação do gênero considerando que o aluno já o conheça e tenha plena capacidade de produzi-lo. E destacamos ainda a predileção de professores pelo gênero resumo no que diz respeito às atividades de pesquisa a serem entregues. Vemos isso constantemente em nossas salas de aula. Os colegas solicitam uma pesquisa ao aluno e como produto final pedem um resumo daquilo que foi pesquisado. A solicitação não é inadequada. Mas precisa ser ampliada, ir além do resumo. Muitos outros gêneros podem ser solicitados como produto final da atividade de pesquisa. Porém, precisam ser orientados anteriormente no tocante à sua funcionalidade, ao seu propósito, ao seu estilo, etc.

Diante disso, no capítulo a seguir - procedimentos metodológicos - deixamos claro a nossa insistência em destacar a importância de os professores trabalharem de forma mais adequada com os gêneros discursivos/textuais. Não estamos defendendo aqui que os docentes de outras disciplinas se prendam aos conceitos que o conteúdo traz, hoje exclusividade do professor de língua portuguesa, mas da importância de solicitar ao aluno gêneros que temos conhecimento e, obrigatoriamente, saibamos produzir.

Produzir e interpretar textos não é tarefa exclusiva da língua portuguesa enquanto disciplina. Todas as disciplinas, das exatas às biológicas, requerem a produção oral e escrita dos mais variados textos, perpassando pelos mais distintos gêneros. Cada professor precisa ter este compromisso com a produção, com a leitura e a interpretação dos gêneros discursivos/textuais, especialmente, ao trabalhar com a pesquisa escolar.

Partindo desses pressupostos, nos procedimentos metodológicos que seguem, procuramos observar e apresentar a visão que os docentes participantes desta pesquisa têm da pesquisa escolar enquanto exercício aplicado no Ensino Fundamental; como entendem a produção escrita e/ou oral deste tipo de atividade; como a Internet viabiliza a pesquisa escolar do aluno; e mais outras questões.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho, optamos pelo trabalho com o professor do Ensino Fundamental, tendo em vista que a temática abordada, embora possa e deva também ser trabalhada com o alunado, principal grupo interessado, consideramos o docente peça chave para o direcionamento da pesquisa escolar conforme deva ser proposta.

### 4.1 CONTEXTO E SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada em uma escola municipal de João Pessoa – Paraíba. Uma escola com poucos recursos financeiros e materiais didáticos, principalmente, no que se referia às tecnologias digitais. A escola não dispõe de um laboratório de informática funcional para o uso da Internet. O laboratório encontrava-se em funcionamento apenas para aulas nas quais seriam utilizados o aparelho de som e o *datashow*. Neste espaço encontravam-se inúmeros computadores, todos danificados, muitos pela falta de uso, outros pela falta de manutenção. Os alunos nunca fizeram uso das máquinas. Pelo menos os alunos para os quais lecionei nestes últimos dois anos e oito meses. Todavia, a maioria do alunado disponibilizava de celulares ou computadores residenciais com acesso à Internet; ou mesmo acesso às *lan houses* do bairro.

Neste estudo, trabalhamos com quatro professores do 9º ano do Ensino Fundamental das disciplinas de arte, de educação física, de geografia, e de língua portuguesa, selecionados de forma proposital. A seleção foi feita considerando a recorrência das atividades de pesquisa solicitadas aos alunos por estes docentes. Essa recorrência foi observada durante os muitos registros destas atividades expostos no quadro pelos professores e visualizados por nós em anos letivos anteriores e a menção que os alunos faziam destas atividades durante as nossas aulas.

Em um primeiro momento, procuramos nos inteirar da formação dos sujeitos envolvidos neste estudo. Identificamos que dos quatro professores das disciplinas supracitados, todos eram especialistas em suas áreas de formação e um apresentava a titulação de mestre. Em relação ao vínculo empregatício que mantinham com a escola, todos os docentes atuavam como professores efetivos da instituição.

Os professores foram convidados a participar da pesquisa e após elucidarmos algumas dúvidas a respeito do trabalho, mostraram-se plenamente de acordo. Sentimos por parte da escola certa resistência em relação ao trabalho, uma vez que, mesmo sabendo da importância de trabalharmos com as turmas de 9º ano devido à proximidade com os demais professores e com os alunos, o que facilitaria ainda mais a coleta e a análise dos dados, a direção da escola, sem aviso prévio ou justificativa plausível, fez mudanças nas nossas turmas. Lecionávamos em turmas de 9º ano e passamos às turmas de 6º ano sem termos o direito de questionar ou justificar a importância de permanecer com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Independente da mudança ocorrida, demos continuidade ao trabalho.

Um outro contratempo ocorreu em relação ao professor de arte. Este não respondeu o questionário, mesmo com a nossa insistência pelas repostas e justificativas sobre a importância do material para o estudo. Desta forma, trabalhamos apenas com os questionários dos docentes de educação física, geografia e língua portuguesa. Trabalhar com o professor pareceu-nos bem mais complexo do que o trabalho com o aluno. Essa complexidade poderia ser justificada por uma série de fatores: pouca disponibilidade de tempo por parte dos docentes; controle por parte da direção da escola; acessibilidade mais restrita; resistência em participar de atividades de pesquisa destinadas à universidade; desinteresse por trabalhos desse tipo; ou até mesmo acanhamento.

Em relação às atividades de pesquisa propostas, notamos também uma espécie de recuo no repasse destes exercícios para a análise. E como não lecionávamos mais para as turmas de 9º ano, o monitoramento dessas propostas tornou-se mais raro. Antes, eram visíveis na lousa semanalmente. Este acompanhamento deixamos de tê-lo devido à nossa mudança repentina de turmas.

## 4.2 TIPO DE PESQUISA

De acordo com Oliveira (2005), para o desenvolvimento de uma pesquisa científica faz-se necessário classificá-la conforme os objetivos pretendidos no trabalho, os procedimentos metodológicos e as técnicas que se pretende utilizar. Gerhardt e Silveira (2009) corroboram com este posicionamento ao considerar que o tipo de pesquisa varia de acordo com a abordagem, a natureza, os objetivos e os procedimentos utilizados. Seguindo essa perspectiva, a escolha do tipo de pesquisa para a realização deste trabalho deu-se da seguinte maneira: exploratória, em se tratando dos objetivos que pretendemos alcançar;

documental, segundo os procedimentos que empregamos: e considerando a análise do estudo, optamos pela abordagem quanti-qualitativa do tipo descritiva.

Considerando os objetivos que nortearam este trabalho, fez-se necessário o levantamento bibliográfico dos estudos que tratam dos temas em questão: pesquisa científica, pesquisa escolar, Internet enquanto suporte para a pesquisa escolar, letramento digital e gêneros discursivos/textuais.

Para a análise quanti-qualitativa, utilizamo-nos dos planos anuais de ensino dos docentes e dos enunciados das atividades de pesquisa escolar que estes propuseram durante o primeiro semestre de 2017. E, por fim, considerando os procedimentos utilizados – um questionário com perguntas abertas e fechadas – tratamos da pesquisa documental/etnográfica, uma vez que fizemos uso de documentos pessoais dos docentes (planos de ensino e atividades de pesquisa).

#### 4.3 DADOS DA PESQUISA

No tocante aos dados coletados para a nossa pesquisa, em um primeiro momento selecionamos os planos de ensino de 2017 de quatro professores do 9º ano. Nestes planos, identificamos como a pesquisa é apresentada e seguimos a uma breve investigação do enfoque dado à pesquisa escolar, em especial, a realizada na Internet; ou seja, como os professores consideram a pesquisa dentro de um plano de ensino; em qual categoria (procedimento metodológico, conteúdo temático, procedimento avaliativo, etc.) a enquadram; como consideram o suporte digital para a realização deste tipo de atividade.

Dando continuidade à coleta dos dados, selecionamos enunciados de atividades de pesquisa escolar propostas pelos docentes. Nesta fase, identificamos e quantificamos nesses enunciados quais deles trouxeram orientações precisas para a realização da atividade e quais definiram gêneros discursivos/textuais como o produto final a ser entregue pelo aluno.

Como instrumento de pesquisa para a geração de dados, aplicamos um questionário composto de questões abertas e fechadas que tratava da pesquisa enquanto proposta de atividade escolar, da pesquisa realizada na internet, do produto final solicitado nestes exercícios, no caso, dos gêneros discursivos/textuais<sup>1</sup>.

Por meio das respostas dadas no questionário, analisamos a compreensão que os docentes tinham da prática da pesquisa escolar, das orientações que repassavam ao aluno no

---

<sup>1</sup> Não nos ateremos aos conceitos, definições e/classificação dos gêneros. Nosso objetivo é reconhecer na fala dos docentes se eles compreendem a necessidade de um produto final para a culminância do exercício.

tocante à pesquisa proposta na escola e quando esta se realizava na *Web*, uma vez que, como apresenta Valente (2005), o professor precisa mediar e orientar a aprendizagem do aluno, guiar o discente para que este transforme a informação pesquisada em conhecimento.

Ainda sobre o questionário, observamos a relevância da prática da pesquisa na formação dos docentes e o quão recorrente ela era em seus percursos acadêmicos. Acreditamos que a valorização da pesquisa científica pela universidade, em seus cursos e por seus docentes, levará à sociedade e conseqüentemente às nossas escolas, professores-pesquisadores a uma postura investigativa perene. Professores precisam saber e gostar de pesquisar para só assim ensinar aos alunos de forma eficaz.

Analisamos, ainda, a compreensão que os docentes apresentaram sobre a necessidade de se requerer junto ao aluno um produto final como resultado das informações pesquisadas. Entendemos que este produto, no caso um gênero discursivo/textual, seja ele oral ou escrito, verbal ou não-verbal, servirá de comprovação por parte do aluno de que as informações pesquisadas de certa forma foram aproveitadas e transformadas em um produto pessoal, ou seja, que neste produto esteja presente a coautoria do aluno. O gênero produzido talvez possa surgir como “prova” desse conhecimento adquirido, uma vez que o conteúdo informacional se apresenta de certa maneira solto, cabendo ao aluno, com a orientação e mediação do professor, selecionar, organizar, ler, criticar, argumentar, criar, produzir o conhecimento tendo por base o já dito nas informações pesquisadas.

#### 4.4 ANÁLISE DOS DADOS

Conforme mencionamos anteriormente, os dados coletados foram os seguintes: planos anuais de ensino dos professores do 9º de uma escola municipal de João pessoa; questionário aplicado aos mesmos docentes; e as propostas de atividades de pesquisas que estes solicitaram aos alunos no primeiro semestre do ano de 2017.

##### **4.4.1 Planos de ensino dos docentes participantes da pesquisa**

Iniciamos a análise dos dados com a leitura dos planos de ensino dos docentes participantes da pesquisa a fim de identificar em quais seções destes planos a pesquisa escolar era enquadrada. Em uma primeira visualização dos planos, notamos que em todos eles a pesquisa estava presente. Os docentes de arte e de educação física consideraram a pesquisa como um procedimento metodológico. Embora no plano de arte, a pesquisa também se

apresentasse como procedimento de avaliação. Já para os professores de língua portuguesa e de geografia, a pesquisa foi considerada apenas um instrumento avaliativo.

Para melhor visualizarmos e analisarmos como os docentes compreenderam a pesquisa escolar em seus planos, fizemos a seguinte síntese:

Quadro 1 – Planos de ensino de 2017 dos professores do 9º ano

PLANOS DE ENSINO – 9º ANO – 2017	
Disciplinas	Pesquisa escolar
Arte	Procedimento metodológico: trabalho individual ou coletivo. Instrumento avaliativo: atividade individual e coletiva.
Educação Física	Procedimento metodológico: atividade participativa, relacionada aos conteúdos trabalhados e que deve ser exposta.
Geografia	Instrumento avaliativo: atividade bimestral.
Língua Portuguesa	Instrumento avaliativo: estratégia avaliativa bimestral.

Fonte: Pesquisa direta, 2017/ 2018.

Ao considerar a pesquisa como procedimento metodológico, o docente acabou por incluir-se neste trabalho e/ou atividade, visto que a metodologia foi desenvolvida por ele para a realização da aula. Já quando se trata de um instrumento avaliativo, ainda que solicitado pelo professor, cabe ao aluno a total responsabilidade pela realização da pesquisa, que deve ser entregue pronta para avaliação.

O professor de arte mencionou em seu plano na seção dos procedimentos metodológicos, a Internet enquanto suporte para a pesquisa, embora não haja maiores orientações para a realização do exercício neste tipo de suporte.

Figura 1 – Plano de ensino da disciplina de Arte

3º e 4º bimestre	
17. A música e sua ligação com os movimentos sociais; 18. A música e a dança: suas relações com a cultura; 19. A música e a sua interação corporal; 20. A música de diferentes contextos e sua variação estética e técnica; 21. Música do mundo: línguas e sons; 22. A identidade musical do Brasil e do mundo; 23. Aspectos históricos da música e seus períodos; 24. A música do século XX: uma explosão de tendências;	25. A arte multimídia; 26. A música e tecnologia; 27. O Vídeo clip: um mundo de som e imagem; 28. Música eletrônica; 29. A música e sua relação com a palavra; 30. A música conceitual; 31. Formas de vivência Musical Composição; Apreciação e Performance; 32. Forma musical;
METODOLOGIA/ATIVIDADES DIDÁTICAS	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discussões sobre as diversificadas preferências musicais dos alunos;</li> <li>• Diálogos, debates e atividades práticas sobre cada conteúdo trabalhado;</li> <li>• Trabalhos rítmicos utilizando movimentos, os sons do próprio corpo e instrumentos de percussão convencionais e/ou não convencionais;</li> <li>• Apreciações induzidas e espontânea de músicas de estilos variados;</li> <li>• Jogos rítmicos coletivos de improvisação e criação;</li> <li>• Processos de leitura e escrita de ritmos e melodias;</li> <li>• Composições musicais coletivas e individuais;</li> <li>• Trabalhos de pesquisa individual e coletivo;</li> <li>• Pesquisa na internet;</li> <li>• Processos de leitura e escrita de estruturas textuais;</li> <li>• Composições e improvisações individuais e coletivas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aulas práticas de construção artística;</li> <li>• Criação coletiva e individuais de trabalhos multimídia;</li> <li>• Construção e exploração de instrumentos musicais não convencionais;</li> <li>• Prática performática;</li> <li>• Criação de imagens, vídeos e maquetes;</li> <li>• Exposição de imagens, áudios e vídeos;</li> <li>• Exposição e criação de quadros sinóticos;</li> <li>• Exploração de diferentes técnicas de produção artística;</li> <li>• Processo de criação artística através das diversas linguagens;</li> <li>• Processo de notação alternativa;</li> <li>• Exploração de diferentes;</li> <li>• Pesquisa na internet;</li> <li>• Estudo dirigido sobre variados temas;</li> <li>• Análise de obras diferentes estilos, culturas, períodos, etc.</li> </ul>

Fonte: Plano de ensino de Arte apresentado pelo professor da disciplina, 2017.

Para o docente de educação física, a pesquisa relacionou-se apenas aos conteúdos já trabalhados em classe. Não há uma clareza quanto à pesquisa sobre outros conteúdos ainda não vistos pelos alunos. Entretanto, ao mencionar a exposição da pesquisa, o professor deixou clara a necessidade de socializar a atividade do aluno; levá-la para além do papel manuscrito e/ou impresso, compartilhá-la com outros.

Os professores de geografia e de língua portuguesa pontuaram a recorrência da pesquisa em todos os bimestres e o segundo, considerou-a uma das estratégias para avaliar o aluno bimestralmente.

Conforme vimos no quadro 1, todos os docentes citaram a pesquisa escolar, mas não fizeram qualquer relação aos objetivos pretendidos para a atividade. Relacionando-a aos conteúdos programáticos, a referência foi feita apenas em educação física (quadro 1). O que se notou é que a pesquisa na escola como apresentada nos planos de ensino dos professores, mostrou-se algo vago, solto, sem um objetivo definido. Não há um entendimento do porquê da realização do exercício, sendo apenas mais um somatório de informações requisitadas pelo professor e trazidas pelo aluno.

Um outro aspecto que os planos de ensino não explicitam diz respeito ao produto final como resultado da pesquisa feita. Não nos foi possível identificar que atividade o aluno deverá entregar ao professor, em que gênero discursivo/textual a coleta de informações resultará. É possível que a atividade seja mais precisa no plano de aula. Todavia, deixemos claro que estes planos não fazem parte do estudo e/ou dos dados coletados.

#### **4.4.2 Questionário aplicado aos docentes participantes da pesquisa**

O questionário foi composto de 09 questões abertas. Fizemos um registro de cada questão, seguido de uma breve análise qualitativa das mesmas. Para tanto, nomearemos os docentes participantes da seguinte forma: professor de educação física (PEF), professor de geografia (PG) e professor de língua portuguesa (PLP).

**Questão 01: Que tipo de atividade você prioriza em suas aulas? Como faz esta escolha? Segue alguma orientação?**

Observando as respostas dadas pelos docentes, notamos que todos priorizam as atividades de leitura e interpretação de textos. O PLP deixa claro que prioriza a “leitura e

interpretação de textos, além de focar os gêneros textuais”. O PEF acrescenta as atividades dinâmicas como essenciais para discutir os conteúdos abordados. Na disciplina de geografia, além da leitura e da interpretação de textos, o PG prioriza “mapas, gráficos, tabelas e imagens relacionados aos temas que irei trabalhar, tanto em sala de aula, como em outros momentos fora da escola”. No tocante à maneira como a escolha das atividades foi feita, o plano de ensino, a equipe de especialistas da escola e o planejamento foram norteadores para os docentes. Para uma orientação mais precisa, consideram a experiência que trazem dentro da sala de aula e a “necessidade” de cada momento, ou seja, a situação em sala vai determinar qual percurso o professor deverá seguir. O PLP é direto ao afirmar que “a orientação que sigo é a minha experiência ao longo de 10 anos, com a vivência em sala de aula e com o olhar para as transformações”.

**Questão 02: Você propõe atividades de pesquisa escolar para os alunos? Em sua opinião, qual a relevância destes exercícios para alunos do 9º ano?**

As atividades de pesquisa escolar são propostas por todos os docentes, comprovado nas respostas dadas. Justificam que os exercícios de pesquisa contribuem para a construção de atividades mais significativas já que os livros didáticos utilizados não contemplam todos os conteúdos e que a aprendizagem do aluno também acontece por meio da pesquisa. Segundo o PG, os livros didáticos adotados “na maioria das vezes não contemplam atualizações e fatos históricos mais recentes e que são fundamentais [sic] para um entendimento mais concreto de determinados conteúdos”. O PLP afirma que a “pesquisa no campo educacional é de fundamental importância, uma vez que o processo de aprendizagem se faz não apenas na aula expositiva e dialogada, mas também através da extensão e da pesquisa”. Foram unânimes em considerar a pesquisa escolar essencial nas turmas de 9º ano, uma vez que tais turmas estão na “porta de entrada” do Ensino Médio, etapa na qual, segundo os professores, os alunos precisam chegar com uma visão investigadora e crítica sobre os conhecimentos, precisam chegar conscientes de sua atuação, ou seja, a autonomia que os exercícios de pesquisa proporcionam. “O 9º ano como etapa final do ensino fundamental e porta de entrada para o ensino médio, é de suma importância o incentivo a pesquisa constantemente, uma vez que, tais atividades favorecem suporte ao alunado para uma possível atuação de forma crítica e consciente de atuação no espaço vivido”, como afirma o PG.

**Questão 03: Você costuma orientar os alunos nestas atividades? Quais os passos desta orientação?**

As respostas foram todas afirmativas e os docentes elencaram as orientações de maneira precisa, seguindo das orientações escritas às orais: abordagem, importância e questionamentos sobre o tema a fim de despertar o interesse do aluno; leituras seletivas; a importância na escolha das informações e das fontes pesquisadas; a apresentação de um roteiro de orientação, destacando a estrutura do trabalho a ser entregue: introdução, desenvolvimento, conclusão e bibliografia; diferenciação entre a cópia e a pesquisa; e a importância de um prazo longo para a entrega do trabalho, visto que assim o docente poderá sanar possíveis dúvidas que forem surgindo. O PG nos afirma que começa “incentivando a curiosidade sobre o tema propostos [sic], fazendo perguntas, mostrando imagens, mapas, etc., na sequência faço um roteiro dos passos que devem ser seguidos pelos alunos para um bom desempenho na pesquisa”. O PLP de início faz “uma explanação oral sobre a temática, elencando a importância do tema e despertando no alunado o interesse”. Ao que nos parece, o PLP trabalha com os chamados “temas prontos”, aqueles que não são eleitos em sala de aula por alunos e professor. Todavia, deixa claro sua orientação “depois, didaticamente, oriento os trabalhos de pesquisa e ao final, conforme a necessidade da turma, faço as considerações e/ou apresento expondo, corrigindo-os, etc.”. Para o PEF, as orientações são apresentadas em sala de aula (orais e/ou escritas) e se resumem em “fontes de pesquisas, leitura seletiva, escolha das informações a ser [sic] apresentadas e material final”.

**Questão 04: Você considera satisfatória a maneira como os alunos realizam os exercícios de pesquisa? Por quê?**

Para essa questão, os docentes tiveram posicionamentos distintos. Consideraram as pesquisas entregues como cópias, atividades desprovidas de objetivos e por isso um exercício insatisfatório. Nas palavras do PEF “as pesquisas são encaradas por estes alunos como exercícios de cópias de assuntos propostos sem muito objetivo”. Já para o PG as pesquisas são “fracas” apenas no início do ano letivo, mas com o passar das aulas, os exercícios “começam a melhorar paulatinamente e se aproximar muito daquilo que foi proposto no planejamento”. E por fim, o PLP justificou a dificuldade em se mensurar o aprendizado do aluno diante de uma atividade de pesquisa, “não dá para medir de 0 a 10 qual a eficácia”. Embora tenham defendido que neste tipo de exercício o discente sempre terá aproveitamento no aprendizado.

**Questão 05: Na sua formação acadêmica, a pesquisa era uma prática recorrente? Os professores em suas disciplinas, orientavam esta prática?**

O exercício da pesquisa foi uma constante na formação acadêmica dos docentes. Todos destacaram a presença de professores orientadores competentes e incentivadores. O PLP destacou a sua participação em programas de pesquisa como bolsista do CNPq e pesquisador da cultura negra na literatura afro-brasileira e africana. O PG falou das pesquisas teóricas e em campo das quais participava, e ainda destacou “o quão é importante estarmos abertos para novos conhecimentos que nos leva ao crescimento constante, como profissional e como ser humano” e a excelência de alguns professores “que sempre incentivavam e orientavam a prática da pesquisa”. Para o PEF, no ensino superior, momento em que de fato aprendeu “a utilizar essa prática”, a pesquisa funcionou como “facilitadora do processo de aprendizagem”.

**Questão 06: Você utiliza a Internet? Onde? Para quê? Com que frequência?**

No tocante à Internet, todos os professores disseram fazer uso frequente do suporte em suas residências. Os objetivos variaram: planejar aulas, trabalhar, estudar, pesquisar diversos conteúdos, lazer. Para o PG, o uso da Internet serve para “ampliar e melhorar os conhecimentos mais recentes a respeito das temáticas trabalhadas em sala de aula”. O PEF destacou ainda os suportes digitais dos quais se utiliza para trabalhar e fazer pesquisas: computador, *notebook*, celular e tv. O PLP foi sucinto e deu um destaque maior à questão da frequência com que usa a Internet: “o tempo todo”.

**Questão 07: De que forma você avalia a Internet como um suporte para a realização da pesquisa do aluno? Quais os benefícios você poderia elencar?**

A Internet foi considerada pelos docentes um excelente suporte para a pesquisa do aluno. Para tanto, justificaram a diversidade e a rapidez das informações, os vários posicionamentos sobre uma mesma temática, a disponibilidade de material audiovisual, a possibilidade de trazer informações antigas e novas sobre um mesmo tema e a afeição das crianças e dos jovens pelo suporte, o que, de acordo com os professores, facilita e muito as atividades de pesquisa escolar. Acrescentaram, ainda, a presença constante da Internet na vida do aluno e que, por isso, cabe ao professor aproveitar-se dessa presença para potencializar seu

trabalho, trazendo para a sala de aula os mais diversos conteúdos. Segundo o PLP “devemos utilizá-la a nosso favor, procurando trazer para as salas de aula gêneros textuais, autores e escritores literários, como também temáticas hodiernas para produções textuais”. Para o PG, a Rede “favorece o trabalho docente em qualquer disciplina e de forma particular em geografia”. O PEF faz uma ressalva quanto ao uso da *Web* para a realização de pesquisas, dizendo que esta deve ser “bem utilizada”.

**Questão 08: Quando você solicita uma pesquisa ao aluno, há uma definição do produto final que ele precisa entregar?**

Todos os docentes disseram definir um produto final a ser entregue pelo aluno. O PG reiterou a importância do roteiro de pesquisa e do acompanhamento docente junto ao aluno. Considera que graças a essas abordagens, o trabalho final realizado por seus alunos aproxima-se muito daquilo que foi solicitado em sala de aula. O PLP considera a produção oral atrelada à produção escrita essenciais para a finalização da pesquisa. Disse que “ultimamente tenho me pautado pela apresentação oral da produção final da pesquisa”. Entretanto, não deixa claro se os alunos as realizam conforme o esperado/solicitado. O PEF foi categórico ao afirmar apenas que sempre realiza essa definição.

**Questão 09: As atividades de pesquisa realizadas pelos alunos e o produto final gerado estão de acordo com o que você propõe? Comente.**

Para o PLP e o PEF a pesquisa realizada e o produto final na maioria dos exercícios apresentados não estão de acordo. Justificaram a forma incorreta como os alunos selecionam os conteúdos, a falta de reflexão crítica sobre o tema, os problemas atrelados à escola pública, o que acabam comprometendo a pesquisa escolar e deixando-a “a anos-luz de uma produção de pesquisa que satisfaça um educador”, posicionamento do PLP. Este mesmo docente destaca problemas outros que comprometem o exercício, como: falta de material, indisciplina, falta de motivação, problemas socioeconômicos, empecilhos para uma produção eficiente da pesquisa em sala de aula. O PG, entretanto, argumenta que, caso o aluno siga as orientações que foram repassadas pelo professor, este terá um produto final de acordo com o que foi proposto na atividade e que na maioria das vezes o produto gerado é satisfatório, de acordo com o que ele solicitou em classe.

Após a análise dos questionários aplicados, fizemos algumas observações sintetizadas no quadro abaixo:

Quadro 2 – Análise das respostas do questionário

<b>Disciplinas</b>	<b>Pesquisa escolar</b>	<b>Pesquisa escolar na Internet</b>	<b>Gêneros discursivos/textuais</b>
<b>Arte</b>	O professor não entregou o questionário respondido.	-	-
<b>Educação Física</b>	Constrói uma aprendizagem mais significativa. Requer do aluno uma visão investigadora e crítica do conhecimento. Deve ser orientada pelo professor.	Excelente suporte para a pesquisa, devido à diversidade de informações e à afeição dos jovens para com o meio digital.	A maioria das pesquisas solicitadas não apresentam um produto final desejado.
<b>Geografia</b>	Complementa os conteúdos do livro didático. Ajuda o aluno a despertar sua criticidade. Deve ser orientada pelo professor.	Ferramenta indispensável ao trabalho docente. Beneficia o trabalho de pesquisa devido à quantidade de informações, de material audiovisual e posicionamentos distintos sobre um mesmo tema.	A maioria das pesquisas apresentam um produto final (não especificado) coerente com a solicitação do professor. Todavia, apenas quando seguidas as orientações do docente.
<b>Língua Portuguesa</b>	Favorece a aprendizagem do aluno. Deve ser orientada pelo professor.	A presença constante da Internet no cotidiano do aluno facilita o trabalho de pesquisa escolar.	A maioria das pesquisas não apresentam um produto coerente, tendo em vista uma série de problemas relacionados à escola pública.

Fonte: Pesquisa direta, 2017/ 2018.

#### **4.4.3 Propostas de atividades de pesquisa escolar solicitadas pelos docentes participantes da pesquisa**

Conforme dissemos anteriormente, houve um recuo na entrega das atividades de pesquisa por parte dos docentes. Estes exercícios corriqueiros, frequentes e prediletos dos professores, não nos foram repassados com a frequência com que eram solicitados. Todavia,

sabíamos que as atividades continuavam sendo pedidas pelos professores, embora estes não as entregavam para que pudéssemos analisá-las. Os possíveis motivos para o recuo, dentre eles a falta de interesse em participar de pesquisas universitárias, também já elencamos anteriormente.

Durante quatro meses solicitamos semanalmente aos professores suas propostas de pesquisa. Porém, as propostas repassadas foram apenas as expostas no quadro 3.

Quadro 3 – Propostas de pesquisa escolar solicitadas pelos professores

<b>Disciplinas</b>	<b>Enunciados das atividades</b>	<b>Orientações para a pesquisa</b>	<b>Produto final a ser entregue</b>
<b>Arte</b>	1. O professor não entregou propostas de pesquisas, embora as tenha feito constantemente conforme informação colhida dos alunos.	-	-
<b>Educação Física</b>	1. Realize uma pesquisa dentro do conteúdo primeiros socorros; 2. Pesquise sobre o esporte de raquete; 3. Pesquise sobre os temas: Pirâmides da alimentação saudável, da atividade física e da qualidade de vida.	1. Parte escrita: sinais e sintomas, tipos, procedimentos corretos; 2. Trazer imagens e informações relevantes; 3. Escolher um dos temas e entregar dia 30/03.	1. Não especificou; 2. Confeccionar um cartaz (suporte); 3. Confeccionar uma revista (suporte) e confeccionar um cartaz (suporte).
<b>Geografia</b>	1. Pesquise como está a violência na sociedade brasileira; 2. Pesquise sobre os seguintes temas: globalização e meio-ambiente, o crime organizado,	1. Não especificou; 2. Apresentação dia 23/05; 3. Especifique o tipo de violência; 4. Não especificou.	1. Não especificou; 2. Seminário (sem a produção de material escrito); 3. Não especificou; 4. Não especificou.

	<p>ECA, intolerância religiosa, energia nuclear, racismo no Brasil, problemas ambientais;</p> <p>3. Pesquise uma notícia ou reportagem que trate da violência;</p> <p>4. Pesquise sobre a violência no Brasil estar atrelada aos casos de agressões físicas e verbais no futebol.</p>		
<b>Língua Portuguesa</b>	<p>1. O professor não entregou propostas de pesquisas, embora as tenha feito constantemente conforme informação colhida dos alunos.</p>	-	-

Fonte: Pesquisa direta, 2017/ 2018.

As propostas de atividades repassadas pelos professores aos alunos em muito se distanciaram daquilo que foi dito nas respostas dos questionários. Apesar de os docentes terem afirmado no questionário que orientavam os alunos nos exercícios de pesquisa, não foi o comprovado nas propostas acima.

Não tivemos acesso às prováveis orientações orais dadas em sala de aula durante a apresentação da proposta. Não pudemos registrar estes dados devido às mudanças nas turmas já relatadas anteriormente. O contato com as turmas de 9º ano na prática não aconteceu mais. Ficamos restritos às nossas aulas nas turmas de 6º ano.

Em se tratando das orientações escritas para a pesquisa escolar apresentadas no quadro 3, percebemos que em nenhum momento o aluno foi orientado para a coleta adequada das informações, para o cuidado desta coleta quando realizada no suporte digital, para a leitura das informações, para o problema da cópia, para a construção do texto escrito, a autoria e a coautoria neste texto, para o produto final a ser entregue, bem como a utilidade deste trabalho; pontos apresentados nas respostas dadas pelos docentes no questionário.

O que se percebeu foi que as orientações docentes restringiram-se aos tópicos a serem apresentados no trabalho, às datas de entrega dos exercícios e às datas de apresentação.

Quanto ao gênero discursivo/textual a ser entregue, os docentes demonstraram uma maior preferência pela produção de suportes, cartazes e revistas, como produto final a serem entregues pelos alunos.

Notamos, assim, como a atividade de pesquisa escolar apresentada tornou-se um exercício frágil, vazio, sem objetivo definido. E como o aluno fica “perdido” na realização da pesquisa, visto que não existem orientações precisas a seguir nem antes, nem durante, nem após a realização do trabalho.

Conversamos com alguns alunos de maneira informal sobre as possíveis orientações orais dadas pelos professores durante a aula para a realização da pesquisa. Todos confirmaram que os docentes não orientavam. Apenas expunham a temática, a data de entrega, a data de apresentação; ou seja, o que foi transcrito no quadro 3. Não praticavam o que defendiam nas respostas dadas no questionário.

#### 4.5 PRODUÇÃO DE UM MANUAL QUE AUXILIE OS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL EM SUAS PROPOSTAS DE PESQUISA ESCOLAR

O presente manual tem como objetivo apresentar aos docentes participantes da pesquisa e a outros que por ele se interessarem, estratégias que os orientem em suas solicitações de pesquisa escolar, em especial a realizada na Rede, propostas aos alunos em sala de aula. Não se trata, porém, de um manual de pesquisa na Internet que oriente de forma aprofundada sobre a busca em *sites*, as ferramentas dessas buscas, comandos, etc. Nosso objetivo é auxiliar o professor para uma maior compreensão da importância e da responsabilidade do trabalho com a pesquisa escolar realizada hoje com muita frequência na *Web*.

Para a realização da pesquisa escolar, especialmente quando feita em suporte digital, consideramos de extrema relevância que o professor se atenha a alguns pontos listados a seguir e considerados por nós de extrema relevância em toda atividade de pesquisa, quando se tem como principal objetivo a construção do conhecimento por parte do aluno:

1. Orientar o aluno que a coleta das informações no momento da pesquisa precisa ser realizada de forma conscienciosa;

2. Orientar sobre a importância de uma leitura atenta do material pesquisado e quando este material é coletado da internet, ter ciência de que o ler no suporte digital é diferente da leitura realizada no impresso;
3. Orientar sobre a autoria do conteúdo informacional exposto e acessível no ambiente virtual, e que essa autoria precisa ser, obrigatoriamente, considerada e referenciada;
4. Orientar que fazer pesquisa não é entregar ao professor folhas com informações coladas, copiadas e impressas de *sites*, muito embora a praticidade do ato seja tentadora;
5. Orientar sobre as noções de plágio, de referências, de citações, ainda que aos alunos do Ensino Fundamental essas noções devam ser apresentadas de maneira mais simples, sem definições e/ou conceituações, adequadas ao público-alvo;
6. Orientar para a necessidade de a pesquisa gerar um produto final, isto é, um gênero discursivo/ textual no qual toda aquela informatividade será finalizada e/ ou apresentada a outros.

A fim de tornarmos essas orientações mais precisas e facilitar a leitura por parte dos professores, surgiu a necessidade de produzir este manual. Deixemos claro que não se trata de um manual de metodologia de pesquisa. São apenas orientações que repassamos aos nossos colegas. Estas orientações resultaram das muitas leituras realizadas sobre procedimentos metodológicos para a realização de pesquisas e da nossa prática com este tipo de atividades em salas de aula de Ensino Fundamental. Trata-se de um manual de total responsabilidade nossa pelo que ali está exposto. Aceitamos, portanto, toda e qualquer contribuição que venha enriquecê-lo e que sirva para o aprimoramento do trabalho.

**5 MANUAL DE PESQUISA ESCOLAR PARA PROFESSORES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**MANUAL DE PESQUISA  
ESCOLAR PARA  
PROFESSORES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**PROFESSORA-MESTRANDA: TATIANE MACIEL DA  
ROCHA**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>58</b>
<b>2 A PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL: QUAIS OS OBJETIVOS?.....</b>	<b>59</b>
<b>3 JUSTIFICATIVA PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA EM TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>60</b>
<b>4 O TEMA DA PESQUISA.....</b>	<b>60</b>
<b>5 O PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>62</b>
<b>6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O PASSO A PASSO PARA A SOLICITAÇÃO, A ORIENTAÇÃO E A REALIZAÇÃO DA PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>63</b>
6.1 O que o aluno sabe sobre fazer pesquisa.....	63
6.2 Discutindo possíveis temas de pesquisa.....	64
6.3 Delimitando o tema proposto.....	66
6.4 A internet como suporte para a pesquisa no Ensino Fundamental.....	66
6.5 Etapas a serem seguidas pelo aluno na realização da pesquisa na internet.....	69
6.6 O aluno do Ensino Fundamental e a leitura das informações que coleta na internet para a realização da pesquisa.....	73
<b>6.6.1 Primeiro momento da leitura.....</b>	<b>76</b>
<b>6.6.2 Segundo momento da leitura ou primeira releitura.....</b>	<b>77</b>
<b>6.6.3 Terceiro momento da leitura ou segunda releitura.....</b>	<b>77</b>
6.7 O aluno do ensino fundamental e a escrita e/ou reescrita das informações coletadas na internet para a realização da pesquisa.....	78
6.8 A escrita da pesquisa.....	80
6.9 Mas o que é mesmo um gênero discursivo/textual?.....	87
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## DEDICATÓRIA

A todos os meus colegas professores que gentilmente deram uma parada em suas vidas agitadas de docentes para participarem desta pesquisa. A todos os professores espalhados por este imenso país que levam seus ensinamentos muito mais por amor do que por remuneração. A todos os professores que enfrentam as adversidades das salas de aula, os perigos tão reais que nos rondam. A todos os professores, felizes professores, os profissionais formadores de todos os demais profissionais,

Dedico!

## APRESENTAÇÃO

Professor, este manual não é um guia exclusivo para a pesquisa na Internet. Não é nossa pretensão. Não encontrarão aqui comandos, sugestões de inúmeros *sites*, ferramentas de buscas detalhadas, etc. Nossa pretensão é levar sugestões de como realizar, em especial, a leitura e a escrita das informações coletadas na *Web*. Trata-se de manual simplificado para a pesquisa do aluno de Ensino Fundamental.

Esperamos que realizem uma leitura prazerosa e que esta lhes traga informações importantes para a realização do trabalho com a pesquisa escolar em suas salas de aula. Aproveitem ao máximo!

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa escolar é uma investigação que deve ter como propósito principal a construção do conhecimento por parte do aluno. Mas para isso, a atividade deve ser planejada, mediada, orientada por nós, professores, visto que somos figuras imprescindíveis no processo da construção deste tipo de atividade a ser realizada por nossos alunos.

É importantíssimo que ao solicitarmos este exercício, apresentemos ao estudante uma orientação precisa daquilo que ele deve fazer, ou seja, quais os caminhos que ele percorrerá para a realização da pesquisa, uma vez que fazer pesquisar na escola requer o desenvolvimento de habilidades próprias, nossas e dos alunos.

Bagno (2014), já alertava para a seriedade deste exercício, quando exercício realizado na escola e já destacava a contribuição que a pesquisa deveria dar para a intelectualidade do aluno e da comunidade escolar como um todo. Pesquisar não é acumular informações; é construir conhecimento.

Para a realização de qualquer atividade de pesquisa, precisamos trabalhar em parceria com nossos alunos, mediando todo o processo do desenvolvimento da atividade. Mediar o exercício do aluno não quer dizer que tenhamos de “pegar na mão”, “fazer a pesquisa por ele”, “dizer passo por passo o que deve ser feito”. Demo (2012, p. 116), considera orientar uma “arte” e diz que:

A habilidade de “puxar” o aluno para a frente, abrindo-lhe oportunidades cada vez mais promissoras, motivando sua potencialidade, apoiando seus êxitos e progressos, depende intrinsecamente da capacidade avaliativa do orientador, para saber com precisão do trajeto evolutivo, passo a passo e como um todo. [...] é preciso não confundir orientação com tutela e assistencialismo [...]. Orientação está muito mais para exigir, cobrar, motivar, do que para assistir.

O discente por sua vez precisa conscientizar-se da parceria que desenvolverá em relação ao nosso papel de professor. E como toda relação de parceria, precisa também ter responsabilidade no desempenho de seu papel no momento de pesquisar, haja vista que se apresentará como responsável direto pela construção do seu próprio conhecimento.

## 2 A PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL: QUAIS OS OBJETIVOS?

A pesquisa na escola não pode ser gratuita; não podemos solicitá-la apenas para preenchermos um quadro de notas do bimestre. Mesmo no Ensino Fundamental, tomado aqui como o início da prática da pesquisa para a maioria dos alunos, a atividade precisa ser direcionada com precisão.

Figura 2 – Objetivo



Fonte: Divando Barbosa, 2017.

Saber o porquê da realização de qualquer tarefa solicitada na escola é um direito do aluno. Assim como é nosso dever de professor apresentar aos alunos com clareza os objetivos da construção da atividade.

Ao optarmos pelas atividades de pesquisa em nossas salas de aula, precisamos nos questionar, refletir sobre algumas questões de extrema relevância para a realização do exercício:

Quadro 4 – Perguntas

- **Por que solicitarei esta pesquisa ao meu aluno?**
  - **O que eu quero que o meu aluno aprenda ao realizar este tipo de exercício?**
  - **Como orientarei meu aluno durante a realização da atividade?**
  - **Qual o produto final a ser entregue pelo aluno?**
  - **A que ou quem se destina a pesquisa realizada?**
- Os conhecimentos produzidos durante a realização do exercício serão partilhados? Como?**

Fonte: Elaboração pela autora, 2017.

Podendo nós, professores, respondermos antecipadamente a todos estes questionamentos, o encaminhamento e a mediação da pesquisa serão realizados de forma mais adequada. Ressalta-se, porém, que estas mesmas questões deverão ser discutidas em sala de aula com os alunos. Este processo incipiente é de grande importância para a valorização da atividade por parte do discente.

### **3 JUSTIFICATIVA PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA EM TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Individualmente ou em conjunto com a turma, podemos construir a justificativa para a pesquisa que solicitamos aos alunos. Um dos motivos para trabalharmos com este tipo de atividade no Ensino Fundamental diz respeito à inserção do aluno em um contexto de aprendizagem com mais autonomia; ou seja, a necessidade de levar o aluno à coleta de informações e a partir delas, este construir seu próprio conhecimento.

Figura 3 – Assertivas



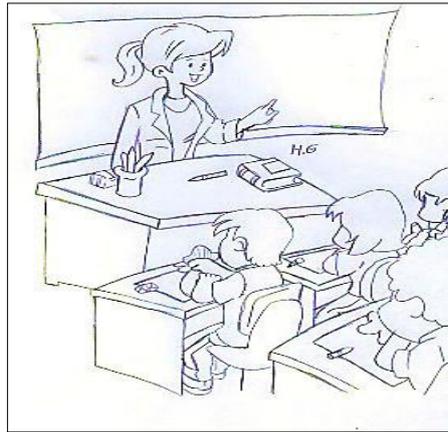
Fonte: Hermison Gustavo, 2017

A pesquisa é uma atividade de interação; portanto, todos os seus passos de elaboração devem ser discutidos em sala de aula. O aluno precisa sentir-se sujeito ativo de todo o processo. Precisa compreender que a atividade também é construída por ele e não imposta por nós.

### **4 O TEMA DA PESQUISA**

A escolha do tema e sua delimitação é uma etapa bastante complexa. Nas salas de aula do Ensino Fundamental, o processo não ocorre de maneira coerente com o pretendido para uma atividade de pesquisa que tem por princípio a interação entre professor e aluno.

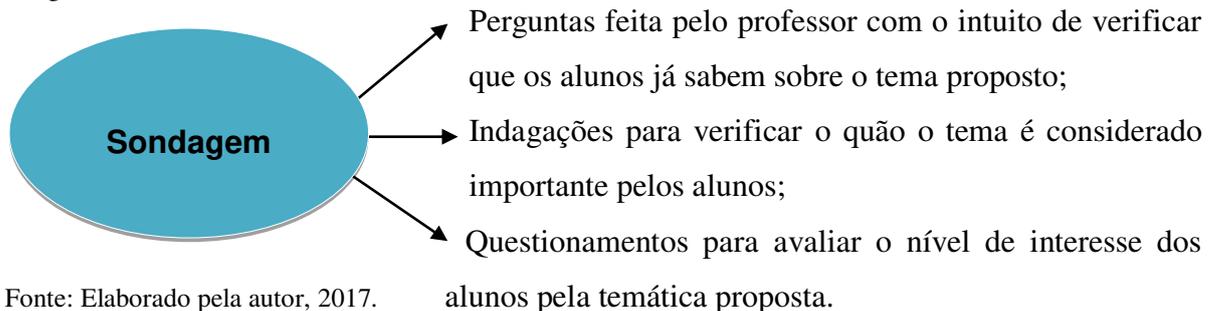
Figura 4 – Sala de aula



Fonte: Vivi Figueroa, 2017

Muitas vezes, os temas vêm “prontos”: selecionados previamente por nós; apresentados pelos livros didáticos; “impostos” pelos órgãos governamentais; propostos pela direção da escola. Raramente o tema é construído em comum acordo com a turma ou mesmo sugerido pelos próprios alunos, o que seria uma forma coerente e autônoma de construção da temática. A discussão entre os pares em sala de aula sobre possíveis temas para a pesquisa pode ser guiada da seguinte forma:

Figura 5 – Justificativa



Fonte: Elaborado pela autor, 2017.

Após a realização da sondagem, podemos discutir com a turma a respeito do compartilhamento ou não das informações pesquisadas. Questionamos aos alunos se o tema proposto traz informações que podem ou não ser compartilhadas além da sala de aula? Ou ainda se esta temática despertará o interesse da comunidade escolar ou da comunidade na qual eles estão inseridos (cidade, bairro, rua)?

Para a construção da temática da pesquisa, a parceria entre professores e alunos deve ser real. Ela precisa acontecer desde o momento em que decidimos junto à turma sobre a realização da atividade. Ressaltamos, porém, que os temas “prontos” ainda que possam ser trabalhados, e não temos como evitar tal situação, pois na maioria das vezes vêm de cima para

baixo na hierarquia da Educação, nada nos impede enquanto professores, de aprimorá-los, torná-los atrativos e interessantes para nossos alunos, preferencialmente, com a contribuição efetiva deles.

## 5 O PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa é o norte do educando e poderá ser elaborado durante as nossas discussões sobre a temática com a turma. Obviamente que o problema de pesquisa não precisa ser algo que necessite de resolução. Poderemos definir junto ao alunado o problema de pesquisa pretendido naquela atividade e se esta atividade terá um direcionamento mais teórico ou mais prático.

Figura 6 - Pensando



Fonte: Luiza Menin, 2017.

Quadro 5 – Problema de pesquisa teórico

**Problema de pesquisa de cunho teórico:** o aluno focará na busca de informações e sua pesquisa se dará pela coleta, leitura, análise, crítica, reflexão e transformação das informações pesquisadas em conhecimento. Tais informações virão em forma de um gênero discursivo/textual.

Fonte: Hermison Gustavo, 2017.

Quadro 6 – Problema de pesquisa prático

**Problema de pesquisa prático:** o aluno terá um problema prático a resolver. Precisarão apresentar uma solução ou proposta de solução para aquela problemática.

Fonte: Hermison Gustavo, 2017.

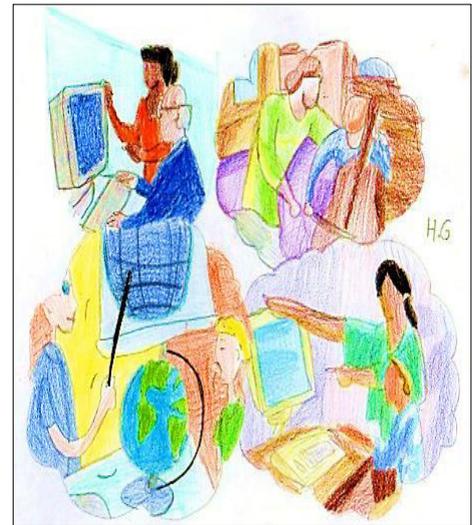
## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O PASSO A PASSO PARA A SOLICITAÇÃO, A ORIENTAÇÃO E A REALIZAÇÃO DA PESQUISA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Professores, a pesquisa realizada na escola não carece do mesmo rigor indispensável àquela praticada na universidade. Não faz sentido que cobremos tamanho feito dos nossos alunos. O exercício que propomos às turmas do Ensino Fundamental pode e deve ser visto como o início da formação de futuros pesquisadores. Formação que neste princípio precisa, necessariamente, ser orientada por nós.

O nosso papel de incentivador, orientador, mediador da atividade é imprescindível. Os educandos precisam ser guiados nesta prática; todavia, antes disso, faz-se necessário que nós, professores, reflitamos a respeito deste tipo de atividade que estamos solicitando frequentemente aos nossos alunos.

Diante disso, apresentamos a seguir alguns pontos que podem nos nortear na elaboração de propostas de pesquisas para turmas do Ensino Fundamental:

Figura 7 – Professor mediador

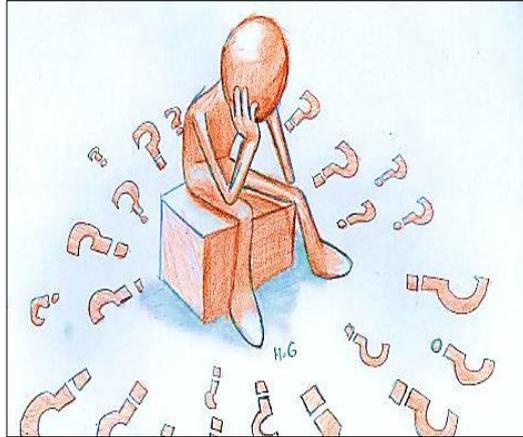


Fonte: Washington Rodrigues, 2017.

### 6.1 O que o nosso aluno sabe sobre fazer pesquisa?

Antes de solicitar este tipo de exercício é necessário que investiguemos a compreensão dos alunos a respeito da prática da pesquisa. Tal investigação pode ser feita mediante questionamentos orais e escritos. Ressaltamos, no entanto, que as questões devem ser adequadas ao nosso público-alvo. Os alunos do Ensino fundamental não são obrigados a ser conhecedores desta prática. Caso as tenham, excelente! Aproveitemos todas as contribuições destes alunos, acrescentamos outras tantas e socializamos com os demais.

Figura 8 – Dúvidas



Fonte: Blog dúvida boa, 2017.

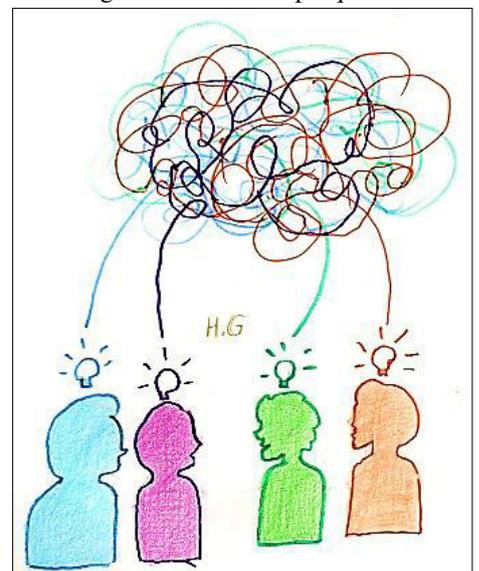
De posse das informações sobre o conhecimento dos alunos a respeito desta prática, poderemos seguir dois caminhos distintos: ou fazemos uma exposição sobre o que vem a ser a prática da pesquisa, quem a realiza, como pode ser feita na escola, onde se realiza a coleta das informações, etc., ou seguiremos à proposta da temática. Precisamos saber nesta etapa das necessidades do aluno em relação ao exercício que será proposto a ele.

## 6.2 Discutindo possíveis temas de pesquisa

Alternativas possíveis para a escolha dos temas de pesquisa no Ensino Fundamental podem vir dos conteúdos programáticos propostos pelo livro didático. Podemos estender estes conteúdos, aprofundá-los, conhecer mais sobre eles mediante este tipo de atividade. Contextos históricos também são excelentes temas para se pesquisar.

Relacioná-las aos dias atuais na tentativa de perceber o sentido que faz aquela comemoração é uma boa forma de se trabalhar.

Figura 9 – Tema de pesquisa

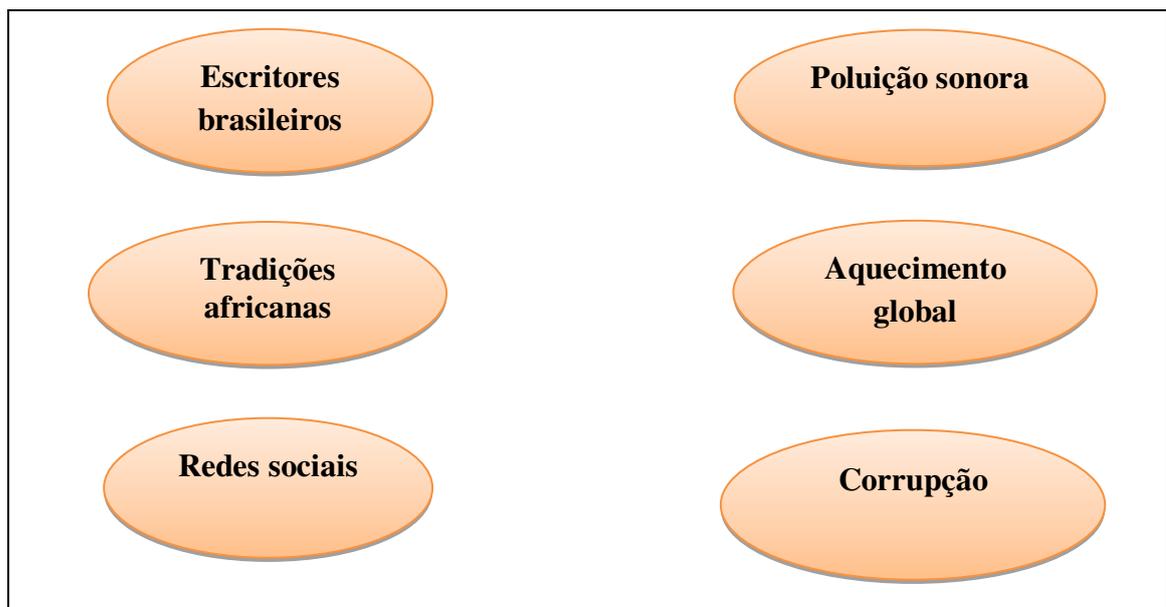


Fonte: Jéssica marques, 2017.

Problemas visualizados na escola, no bairro, na cidade, etc., podem ser sugeridos e pesquisados pelos alunos. Neste caso, poderemos seguir a uma proposta de pesquisa com o objetivo de resolver problemas práticos.

Temas como política, religião, educação, drogas, violência, etc., são temas cujas informações são inesgotáveis e despertam o posicionamento crítico-reflexivo do aluno. Precisamos aproveitar-nos destas temáticas e inseri-las sempre que possível em nossas salas de aula.

Figura 10 – Diversidade de cultura



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

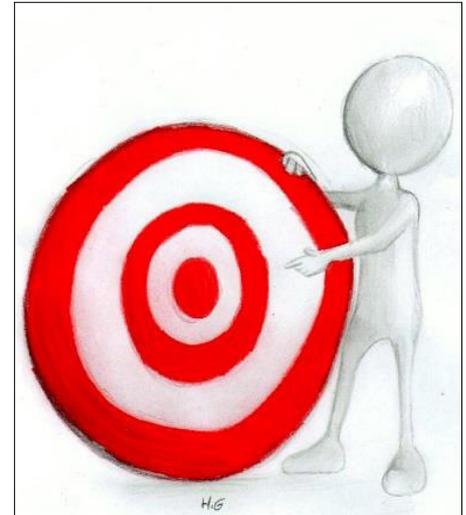
Já deixamos claro aqui que a opinião do aluno é imprescindível na escolha do tema; portanto, saibamos ouvi-lo, escutar suas sugestões, temas pelos quais tem interesse. A discussão em classe com todos os estudantes mostrará se é viável ou não a escolha daquele assunto.

### 6.3 Delimitando o tema proposto

Nosso público-alvo está iniciando na prática da pesquisa. Desta forma, poderá ter dificuldades no recorte da temática. Temas muito amplos comprometem a coleta das informações, a leitura e a escrita destas; consequentemente, a qualidade da pesquisa. Esta poderá transformar-se em um grande somatório desenfreado e desencontrado de informações.

Cabe ao professor, na sua condição de mediador da pesquisa, orientar o aluno na delimitação precisa do assunto que se pretende pesquisar.

Figura 11 – Delimitando o tema



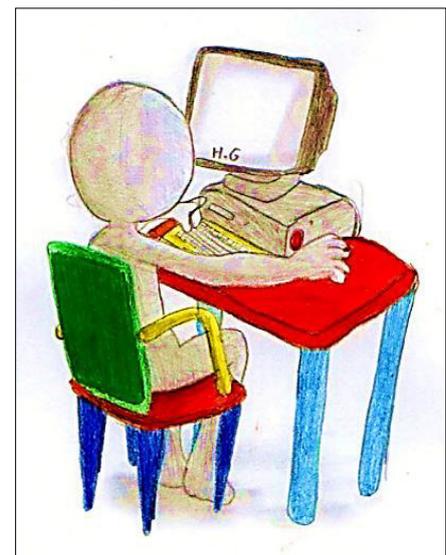
Fonte: Aim target center, 2017.

### 6.4 A internet como suporte para a pesquisa no ensino fundamental

Nós, professores, quando ainda éramos alunos do antigo Primeiro e Segundo Graus, realizávamos nossas atividades de pesquisa em suportes analógicos: livros, revistas, jornais, enciclopédias, etc. Não tínhamos acesso à Internet. Melhor dizendo, mal sabíamos o que significava a *Web*.

A mudança só teve início com a nossa entrada na universidade. Embora para muitos, mesmo durante a vida acadêmica, a Internet tenha continuado distante.

Figura 12 – Internet suport



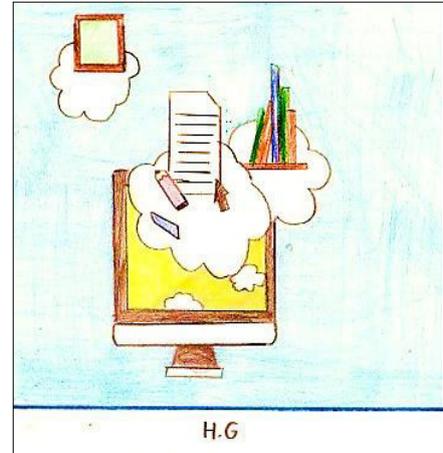
Fonte: 3D, Carlinha Caragua, 2017.

Nossos alunos, no entanto, vivem em tempos bem diferentes. Nascidos na era digital, estão acostumados com computadores, *tablets*, celulares, *smartphones*, etc. Mesmo aqueles alunos cujas famílias têm uma condição socioeconômica considerada menos favorável, mesmo estes têm ou já tiveram contato direto com este mundo virtual e seus suportes digitais.

Os alunos já demonstraram sua predileção pelos suportes digitais e por tudo o que eles disponibilizam. Veem a Internet como o suporte mais relevante para a realização dos trabalhos escolares, em especial, as atividades de pesquisa.

Figura 13 – Orientação no mundo virtual

Para nós, professores, essa mesma predileção é algo visível. Solicitamos as atividades de pesquisa para nossos alunos e já de imediato mencionamos a *Web* para a realização do exercício. **Mas será que sabemos orientar nosso aluno quando se trata da pesquisa realizada em ambiente virtual?**



Fonte: Equipe Innovare, 2014.

A pesquisa na Rede é um exercício totalmente dependente da figura ativa do professor. É necessário que saibamos orientar nossos alunos nesse oceano informacional a perder de vista que é o mundo virtual. Enviar o aluno à rede e “soltá-lo” sem uma orientação precisa do que ele deve fazer para não se “afogar”, põe em cheque nossa competência enquanto professor-pesquisador. Sim, segundo Demo (1996), ser pesquisador é uma condição necessária para todo docente que trabalha com a prática da pesquisa em sala de aula.

Partindo destes pressupostos, que possíveis orientações poderemos dar aos nossos alunos quando estes realizarão a pesquisa solicitada por nós na Internet?

Quadro 7 – Orientando a pesquisa do aluno

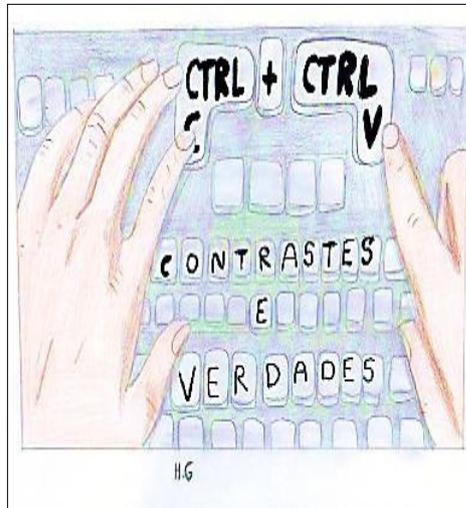
**Como orientar a pesquisa no Ensino Fundamental, quando professores e alunos escolhem a Internet como suporte?**

Fonte: Pinterest, 2017.

A Internet é a mais importante fonte de pesquisa. Todas as informações são tentadoramente acessíveis, podendo uma infinidade delas serem copiadas e coladas pelos alunos e entregues ao professor. Para o aluno, não há problema em realizar a pesquisa dessa forma. E, infelizmente, para muitos professores, também não.

**Mas, e onde fica a (co) autoria do aluno no processo da pesquisa? Que tipo de conhecimento ele constrói ao copiar e colar informações de sites? E a responsabilidade em lidar com as informações alheias? E a ética em relação aos dados coletados?**

Figura 14 – CTRLC/ CTRLV

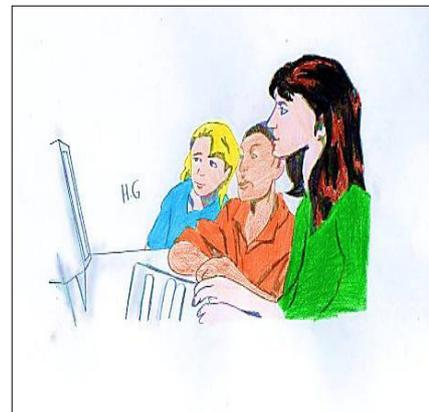


Fonte: Revista.com, 2017.

Todas estas questões precisam ser discutidas em sala de aula. E o Ensino Fundamental é um ótimo momento para se trabalhar a problemática do plágio, uma vez que os alunos estão se iniciando na prática da pesquisa escolar. Cabe ao professor, como mediador, alertar para as questões éticas; ou seja, nossos alunos podem utilizar os dados coletados na Rede, desde que devidamente referenciados.

Figura 15 – Professor mediando a pergunta

Falar da autoria de um texto é fundamental quando se está trabalhando com a pesquisa escolar. Os alunos precisam saber que todo o material disponível na *Web* tem autoria<sup>2</sup> e esta precisa ser citada em qualquer pesquisa, seja ela escolar ou não.



<sup>2</sup> Segundo Kroskocz (2015, p. 58), “autor é o responsável por uma ação que pode ser um objeto, uma ideia, um fato, etc. Em suma, autor é o sujeito de uma ação, como é o caso do autor de uma descoberta científica, do autor de um texto ou do autor de um crime, entre outros. Ou seja, tanto é autor quem cria uma obra literária como é autor de um plágio quem copia e cola tal obra! Para mais informações, sugerimos ver KROKOSZ, M. **Outras palavras sobre autoria e plágio**. São Paulo: Atlas, 2015.

Fonte: Parpíte.com, 2017.

A pesquisa realizada na Internet assim como a realizada em qualquer outro suporte requer a divisão do exercício em etapas. Alguns alunos já podem ter conhecimento de algumas delas, outros precisam da orientação do professor.

De posse do tema escolhido, o aluno parte à coleta das informações. Neste momento, o professor deverá orientá-lo em como fazer essa navegação na rede para “separar os peixes graúdos das piabas” (BARROS, 2001, p. 13). Mesmo a pesquisa não sendo realizada no laboratório de informática da própria escola, a orientação precisa ser dada previamente pelo professor em sala de aula.

### 6.5 Etapas a serem seguidas pelo aluno na realização da pesquisa na internet

**Primeira etapa:** escolha um buscador para realizar sua pesquisa (os nossos alunos têm preferência pelo *Google*). Acreditamos que a maioria deles, assim como a maioria dos nossos colegas professores, conhecem apenas este buscador.

Figura 16 – Buscadores

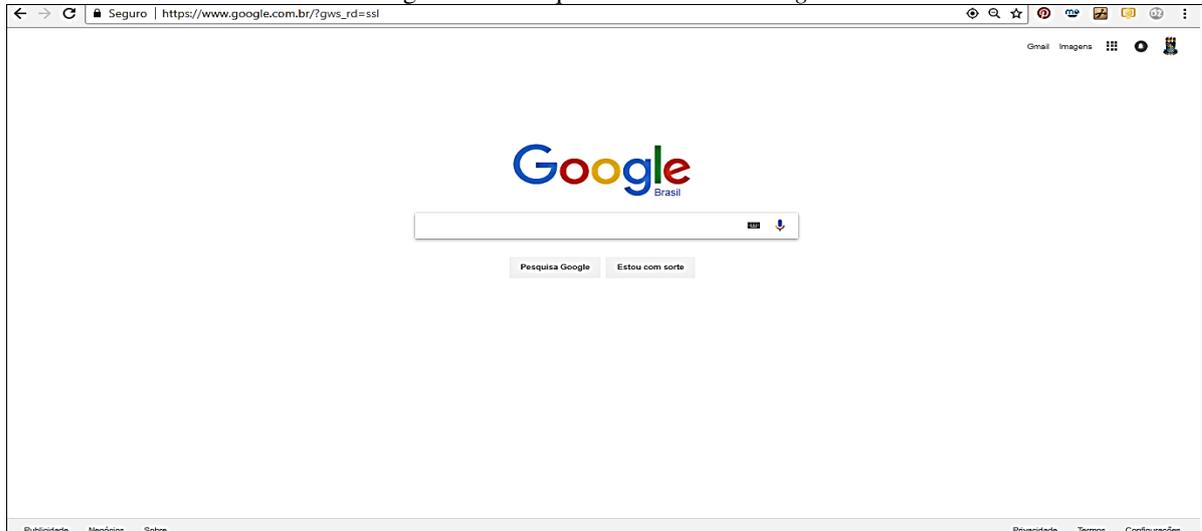


Fonte: Pinterest<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.cadastresite.com.br/>>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

De qualquer forma, nada nos impede de apresentar à turma outras opções de buscadores para a pesquisa. Para exemplificarmos, usamos o *Google*.

Figura 17 – Pesquisa no buscador *Google*



Fonte: *Google*, 2017<sup>4</sup>.

**Segunda etapa:** digitar no buscador escolhido o tema da pesquisa. Podem ser digitadas palavras-chave, frases, trechos de livros, etc. As várias maneiras de se digitar estes termos no buscador para uma pesquisa mais precisa poderá ser tema de um próximo manual.

Figura 18 – Tema da pesquisa no buscador *Google*



Fonte: *GOOGLE*, 2017<sup>5</sup>.

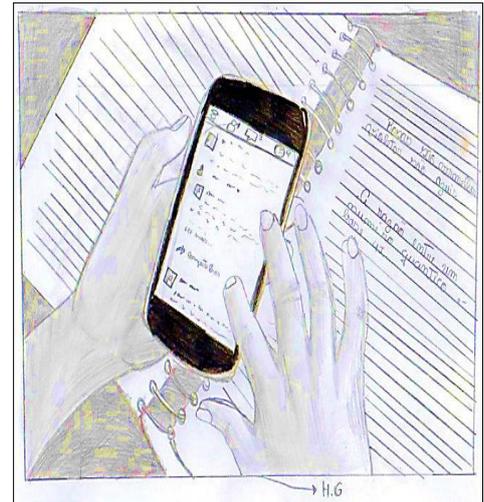
<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 29 nov. 2017.





Figura 22 – Pesquisando

**Quarta etapa:** após a escolha dos *sites* para a pesquisa, aconselha-se três ou quatro, é necessário que o aluno selecione as informações para a realização das leituras. Cada estudante pode ter um modo particular de ler estas informações: leituras no celular, no computador, no *tablet*; impressão destes dados para a realização das leituras; anotações manuscritas ao lado do material impresso no decorrer da leitura, etc.



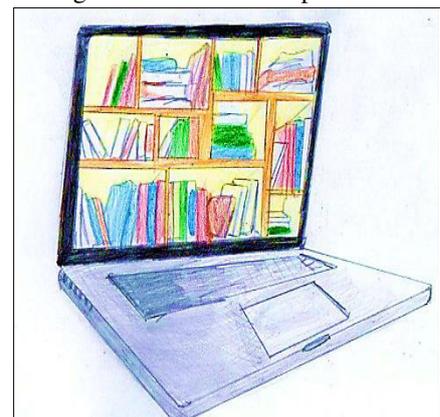
Fonte: Infoglobo, 2017.

**Quinta etapa:** leitura das informações pesquisadas. Embora seja uma das etapas da pesquisa na Internet, o momento da leitura das informações coletadas merece um destaque especial e, portanto, trataremos no tópico a seguir:

#### 6.6 O aluno do ensino fundamental e a leitura das informações que coleta na internet para a realização da pesquisa

A leitura é o grande desafio da escola. Nós, professores, tentamos diariamente as mais variadas estratégias para fazer com que o nosso aluno leia, e o mais importante, compreenda e interprete aquilo que leu. A pura decodificação<sup>9</sup>, ainda que extremamente necessária, não torna ninguém um leitor.

Figura 23 – Livro/ computador



Fonte: Pinterest, 2017.

A leitura realizada com o intuito de pesquisar informações é distinta daquela, cujo objetivo é a fruição. Segundo Severino e Severino (2012, p. 41), “O processo de leitura, de estudo e de aprendizagem exige o levantamento, o registro e a guarda de informações”. Na prática da pesquisa, a leitura requer o estudo das informações pesquisadas e a transformação destas em conhecimento produzido pelo próprio aluno.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/machadodeassis/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

<sup>9</sup> “Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos” (JOUVE, 2002, p. 17). Para mais informações, ver JOUVE, V. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Figura 24 – Leitura no computador



Fonte: Wellington Pará, 2017.

É durante a leitura que o aluno obterá as informações necessárias sobre a temática da pesquisa; serão feitas as análises das informações coletadas; as palavras, as frases, os parágrafos vão adquirindo significados para a construção do texto como um todo. É por meio do processo da leitura que o estudante desenvolve a sua autonomia, vai em busca da construção do seu próprio conhecimento.

As mudanças tecnológicas trouxeram um novo perfil de leitor. Antes, porém, consideremos os três tipos de leitor abordados por Santaella (2013), o contemplativo, o movente e o imersivo, e agora mais um tipo, o leitor ubíquo. Não são leitores excludentes, mas que se complementam ao longo do processo da leitura.

Achamos necessário traçar esse percurso do perfil dos leitores, uma vez que podemos observar a presença destes perfis em nossos alunos e deste modo elaborar estratégias de leitura mais eficientes para a realização do exercício de pesquisa.

De forma rápida, trazemos aqui o perfil dos leitores apresentados por Santaella (2013). São leitores que “evoluíram” ao longo do tempo. Leitores inseridos em momentos sócio-histórico distintos.

- **Leitor contemplativo**: o leitor que tratava a leitura como um ato solitário, silencioso, com espaço próprio e reservado. Leitor e livro tinham uma relação de pura intimidade;

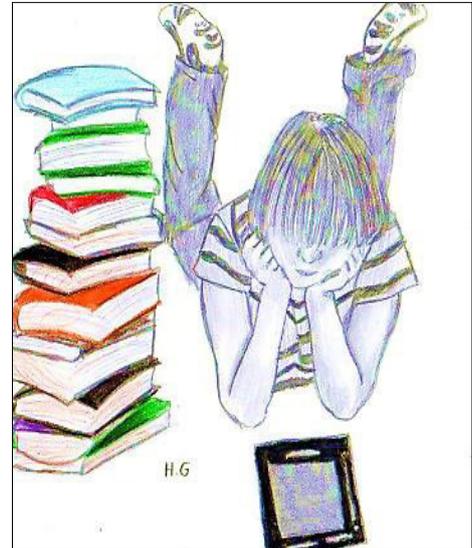
- **Leitor movente**: o leitor que precisou seguir a velocidade das grandes cidades. Leitor das várias linguagens, do misto entre elas e da rapidez com que são processadas;

- **Leitor imersivo**: o leitor das telas, dos signos rápidos e sempre acessíveis. Trata-se de um leitor que constrói sua própria sequência de leitura;

• **Leitor ubíquo:** o leitor que tem a capacidade de processar rapidamente os mais diversos tipos de informações, estando elas próximas ou não a ele. Trata-se de um leitor que transita igualmente em ambientes físicos e virtuais.

Os nossos alunos apresentam características dos quatro tipos de leitores, ainda que a leitura, ou melhor, a falta dela, seja o grande problema a ser resolvido pela escola. Todavia, a Internet vem positivamente colaborando para a transformação deste quadro. Não sejamos pessimistas: os nossos alunos leem bastante no ambiente virtual. Cabe a nós, professores, orientar a leitura quando o objetivo é educativo, é sistemático, é a realização de exercícios escolares, no caso aqui, a prática da pesquisa.

Figura 25 – Leitura no tablet



Fonte: Blog Crb, 2017.

A leitura é a mola mestra da atividade de pesquisa. E para o professor solicitar esta atividade, obrigatoriamente, deverá orientar os alunos sobre o processo da leitura das informações coletadas. Afinal, o estudante precisa ler, compreender, interpretar e construir sentido para o conteúdo informacional que pesquisou. Este conteúdo, obviamente, pode vir não apenas em forma de texto verbal. A *Web* permite da melhor maneira possível a linguagem multissemiótica, isto é, acopla ao texto escrito, a fotografia, o áudio, o gráfico e o infográfico, o mapa, as notações, ou seja, as linguagens: verbal, não-verbal, auditiva, cinésica<sup>10</sup> e tacêsica<sup>11</sup>. etc. O aluno, orientado previamente pelo professor, deverá considerar em sua leitura todas essas linguagens para a construção de sentido do texto como um todo.

Já de posse das informações pesquisadas na internet, o aluno deve seguir ao processo da leitura, que nós orientamos aqui em três momentos. Estas etapas da leitura, assim como as demais, precisam ser mediadas pelo professor:

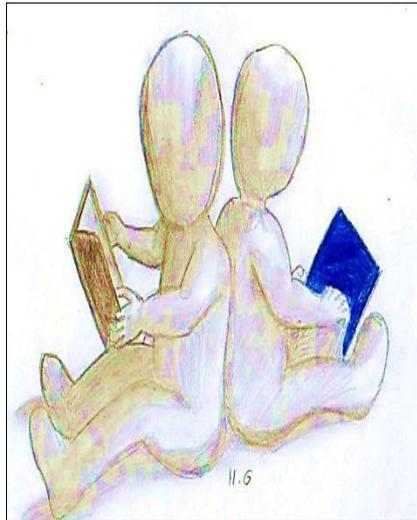
<sup>10</sup> Movimento do corpo. Ver em A proxêmica na comunicação não-verbal. Disponível em: < <https://ibralc.com.br/a-proxemica-na-comunicacao-nao-verbal/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2018.

<sup>11</sup> Linguagem do toque. Ver em A proxêmica na comunicação não-verbal. Disponível em: < <https://ibralc.com.br/a-proxemica-na-comunicacao-nao-verbal/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2018.

### 6.6.1 Primeiro momento da leitura

É o que chamamos de leitura de reconhecimento ou leitura panorâmica<sup>12</sup> do texto. Embora o aluno já saiba que o texto trata da temática da pesquisa, uma vez que pesquisou anteriormente nos *sites* sobre o conteúdo, ele precisa realizar esta primeira leitura para o efetivo reconhecimento deste material.

Figura 26 – Momento de leitura



Fonte: Hermison Gustavo, 2017

Muitas vezes selecionamos textos da Internet, de *sites* distintos, por aparecerem palavras ou frases que julgamos interessar e/ou condizer com a nossa pesquisa, mas que de fato não contemplam a temática do exercício. Precisamos descartá-los e seguir com a coleta em outros *sites*.

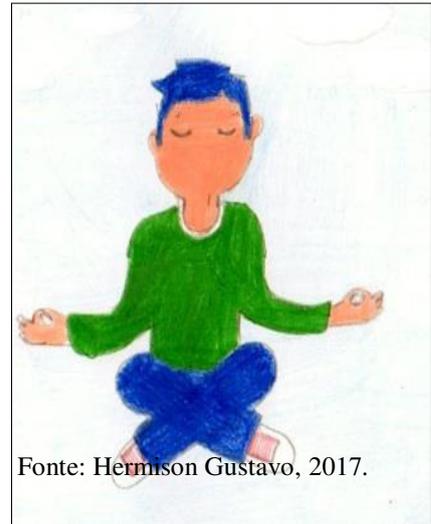
---

<sup>12</sup> Segundo Severino e Severino (2012, p. 54), este é o momento em que o leitor tem “uma visão panorâmica do conteúdo do texto, do seu perfil, do método e do contexto”. Ver mais informações em SEVERINO, A. J.; SEVERINO, E. S. **Ensinar e aprender com pesquisa no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012.

### 6.6.2 Segundo momento da leitura ou primeira releitura

É o momento de uma leitura mais aprofundada. O aluno deve começar a construir sentidos<sup>13</sup> para o texto, considerar as ideias do autor, suas intenções<sup>14</sup> na escrita, o que ele quer nos dizer, seu vocabulário. Nesta etapa, o uso do dicionário é importante para o entendimento de possíveis expressões desconhecidas e que venham a comprometer a compreensão e a interpretação textuais<sup>15</sup>.

Figura 27 – Leitura concentrada



Fonte: Hermison Gustavo, 2017.

Fonte: Hermison Gustavo, 2017.

É o momento de comparar as informações contidas dos *sites* pesquisados, o que estes dizem de semelhante e/ou diferente sobre a temática em questão. É a fase de se destacar nos textos as informações consideradas principais, aquelas que depois de reescritas, deverão constar no trabalho final, escrito ou oral, a ser entregue ou apresentado ao professor, aos colegas, à comunidade escolar ou a quem a pesquisa for direcionada.

### 6.6.3 Terceiro momento da leitura ou segunda releitura

Esta terceira etapa corresponde à leitura realizada pelo aluno de forma crítico-reflexiva. É neste momento que o aluno irá se posicionar diante das ideias do autor, corroborando-as, negando-as, questionando-as, refletindo sobre elas.

Figura 28 – Leitura crítica



Fonte: Pinterest, 2017.

<sup>13</sup> “[...] o texto não é somente uma “superfície”, mas também um “volume” do qual certas conexões só se percebem na segunda leitura” (JOUVE, 2002, p. 29). Ver mais informações em JOUVE, V. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

<sup>14</sup> “É a hora de saber qual o recado que ele nos envia através do seu texto, o que ele quer nos comunicar. Trata-se, portanto, de saber qual o conteúdo do texto”. SEVERINO e SEVERINO, op. cit. p. 57.

<sup>15</sup> Compreensão e interpretação de texto são etapas diferentes. Enquanto na compreensão devemos ouvir de maneira precisa o autor do texto que nos dá toda a informação para compreender o que o texto diz, a interpretação parte do próprio leitor, que precisa de elementos outros que venham de “fora do texto”, da “conversa” com o autor para, assim, construir o sentido do texto. SEVERINO e SEVERINO, op. cit. p. 58.

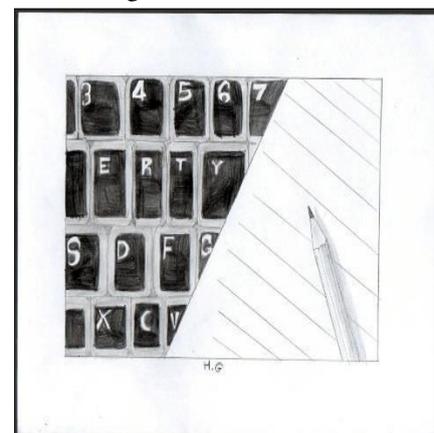
Para tanto, ele precisará compreendê-las. “Neste momento, o leitor busca formular um juízo crítico, tomar uma posição, fazer uma avaliação da mensagem passada pelo autor” (SEVERINO e SEVERINO, 2012, p. 61). Deixemos claro, professor, que nossos alunos podem não ter despertado ainda esse senso crítico, essa capacidade de refletir sobre aquilo que leu, sobre o posicionamento adotado pelo autor do texto. Faz-se necessário, portanto, que acompanhemos o ritmo da caminhada dado por eles, só acelerando no momento em que acharmos que o aluno já tem a maturidade para tal. Geralmente, o próprio estudante nos dá as pistas para que possamos seguir.

Após a leitura dos textos pesquisados nos *sites* da *Web*, eis que chega o momento da escrita. E agora professor, como orientaremos nossos alunos a colocar no papel ou na tela (com suas próprias palavras) as informações pesquisadas por eles?

#### 6.7 O aluno do ensino fundamental e a escrita e/ou reescrita das informações coletadas na internet para a realização da pesquisa

Professor, talvez tenha chegado para o aluno o momento mais difícil de todo o processo e produção da pesquisa. O papel em branco, a tela em branco, o lápis, o teclado, são intimidadores. Para muitos estudantes, porém, esta é uma fase rápida e tranquila, ingenuamente ou nem tanto, imaginada e resumida apenas na impressão ou cópia dos textos pesquisados na internet.

Figura 29 – Escrita



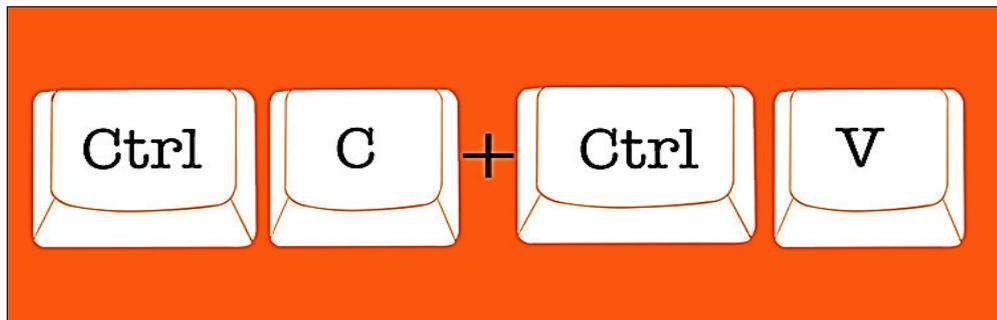
Fonte: Sônia Bertocchi, 2017.

Mas, nós, docentes já nos questionamos do porquê de os nossos alunos entregarem apenas cópias como resultado de suas atividades de pesquisa?

Pela minha experiência de docente acumulada ao longo de vários anos, o problema da pesquisa está relacionado, dentre outras questões, ao enunciado proposto pelo professor. Não é o foco deste trabalho abordar a produção de enunciados em si, tendo em vista tratar-se de um trabalho que envolve longas pesquisa e análises e mais tempo, etc. Talvez para um outro momento, um outro trabalho, façamos uma ampliação deste manual para tratarmos do enunciado de pesquisa proposto pelo professor de Ensino Fundamental. Por ora, e de forma rápida, apresentamos aqui apenas algumas orientações básicas.

Quando nós, docentes, escrevemos na lousa o seguinte enunciado: **Pesquise na Internet sobre o tema X. Entregar dia tal. Valor tantos pontos**, e o aluno vai à *Web*, entra em *sites*, copia, cola e entrega-nos as informações. Não podemos dizer que eles não realizaram a atividade conforme a nossa solicitação. Considerando o enunciado proposto, o professor pediu uma pesquisa sem qualquer orientação sobre como o aluno deveria realizá-la, especialmente sobre a escrita do exercício e o gênero discursivo/ textual como produto final a ser entregue pelo discente. Suas orientações resumiram-se à data e pontuação. Diante disso, não podemos dizer que a cópia e a cola das informações estão de todo incorretas.

Figura 30 – Copiar/ colar



Fonte: Rebel, 2017<sup>16</sup>.

Para um enunciado preciso, passível de entendimento pelo aluno, deveremos atentar-nos às seguintes questões:

#### Quadro 8 – Enunciado

E  
N  
U  
N  
C  
I  
A  
D  
O

-  O tema deve vir escrito no enunciado já de forma delimitada;
-  Os suportes podem ser sugeridos aos alunos no próprio enunciado;
-  O gênero discursivo/textual que o aluno deverá entregar ao professor como resultado da pesquisa deverá ser muito bem definido, observando aspectos como estrutura, funcionalidade, público a quem se destina, etc.;
-  A apresentação do trabalho (restrito à sala de aula ou aberto à comunidade escolar como um todo);
-  Data de entrega;
-  Pontuação atribuída.

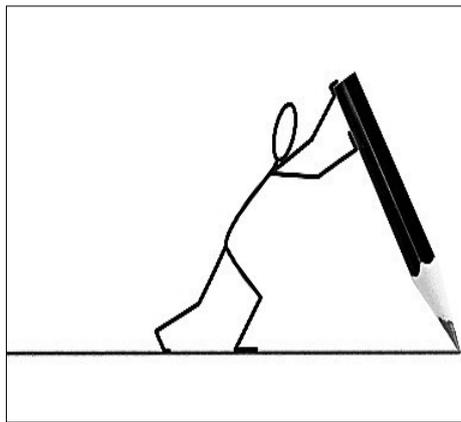
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

<sup>16</sup> Disponível em: <[https://www.picquery.com/v/url-check\\_zA0PEcx\\*va0z2PkvqQ%7CsFpNzVJK\\*oM05XVEH1EapVW0/uri\\_qCZWXQWD2YE3LCsTtgVGq3r2AuFEwwZd9NpvGCPzxsZz4KGQEJlsObBK4\\*joA%7C4rnEtXr%7C3xpGwxJa9VxquYwMdZO\\*%7C7FIkxX5XJXOWa2jBsJQc%7Cjgkf5jrOJzQ0uZn/](https://www.picquery.com/v/url-check_zA0PEcx*va0z2PkvqQ%7CsFpNzVJK*oM05XVEH1EapVW0/uri_qCZWXQWD2YE3LCsTtgVGq3r2AuFEwwZd9NpvGCPzxsZz4KGQEJlsObBK4*joA%7C4rnEtXr%7C3xpGwxJa9VxquYwMdZO*%7C7FIkxX5XJXOWa2jBsJQc%7Cjgkf5jrOJzQ0uZn/)>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

Com orientações precisas, escritas ou orais, daquilo que desejamos que o nosso aluno faça em sua pesquisa, a chance de recebermos um produto final mais próximo do pretendido ou quem sabe além, são maiores. Aluno devidamente orientado é capaz de realizar uma pesquisa com mais consciência e precisão.

E eis que é chegada a hora da escrita do exercício. Devemos sempre ter em mente que a nossa proposta é destinada aos alunos do Ensino Fundamental, iniciantes na prática. Neste momento, a escrita da pesquisa visa, especialmente, o conhecimento ou aprofundamento do conhecimento de determinadas temáticas pelo aluno, bem como a construção deste conhecimento por meio da escrita/reescrita da pesquisa.

Figura 31 – A escrita



Fonte: Onda 21, 2016<sup>17</sup>.

## 6.8 A escrita da pesquisa

Na escola, a redação de textos, independentemente da disciplina, é uma das atividades basilares. Conforme Severino e Severino (2012, p. 101), “escrever é uma das principais mediações da aprendizagem”. Ainda segundo os autores, é por meio da redação que os alunos apresentam suas ideias próprias ou ideias a partir de leituras feitas, refletem sobre algo, discorrem sobre experiências vividas ou pesquisas que realizaram.

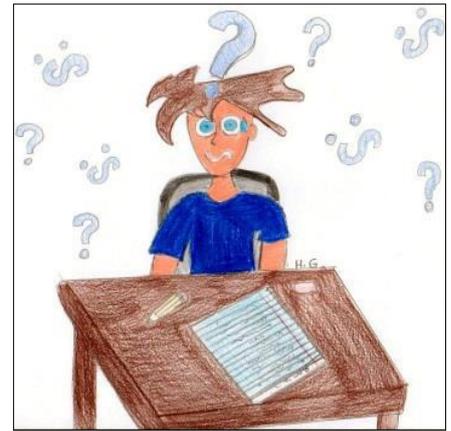
Quadro 9 – Redação de textos

**A redação de textos não pode ser um trabalho solicitado exclusivamente pelo professor de português.**

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.  
Figura 32 – Saber escrever

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://onda21.com.br/a-escrita/>>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

Sim, ninguém escreve sobre algo que desconheça. Isto é óbvio! Antes do processo da escrita, faz-se necessário o processo da leitura, já exposto aqui. Nossos alunos precisam conhecer sobre a temática de pesquisa proposta. Precisam, por meio da coleta e da leitura do material pesquisado, serem capazes de escrever/reescrever construindo e reconstruindo, assim, seu próprio texto, seu próprio conhecimento a respeito daquele assunto.



Fonte: Pinterest, 2017.

Professor, o nosso aluno do Ensino Fundamental ainda não é um escritor proficiente. A tarefa de produzir um texto a partir de outros textos pesquisados pode parecer difícil para ele, e talvez seja mesmo. Ainda estão aprendendo a própria estrutura da língua, a gramática, a organização das frases, dos parágrafos, a produção de títulos; aprendendo a lidar com suas próprias ideias, sobre como desenvolvê-las e como transpô-las para o papel ou para a tela; aprendendo a se posicionar diante da opinião do autor do texto; etc. Sugerimos, portanto, que nós consideremos todos estes aspectos ao recebermos a produção escrita do aluno.

O que se faz imprescindível é que deixemos claro para o estudante, aquilo que desejamos que ele escreva. E, logicamente, já orientado por nós. Não podemos solicitar ao nosso aluno gêneros nunca mencionados (lidos, analisados, produzidos, etc.) em classe, tampouco gêneros que nem nós, professores, sabemos produzir. O estudante precisa ter um certo conhecimento sobre o gênero discursivo/textual que produzirá. E o professor deve ponderar se solicitar a produção daquele gênero é realmente viável, uma vez que certos gêneros são mais interessantes de serem lidos ou quando produzidos, feito por profissionais.

Tratamos aqui de gêneros discursivos/textuais, conceito mais conhecido pelos professores de língua portuguesa, mas que os demais professores de outras disciplinas também trabalham mesmo que não conceituem desta forma. O gênero é a produção final, escrita ou oral, que nossos alunos nos entregarão no final da atividade de pesquisa. Trataremos sobre gêneros de forma mais detalhada no tópico seguinte.

Figura 33 – Rascunho



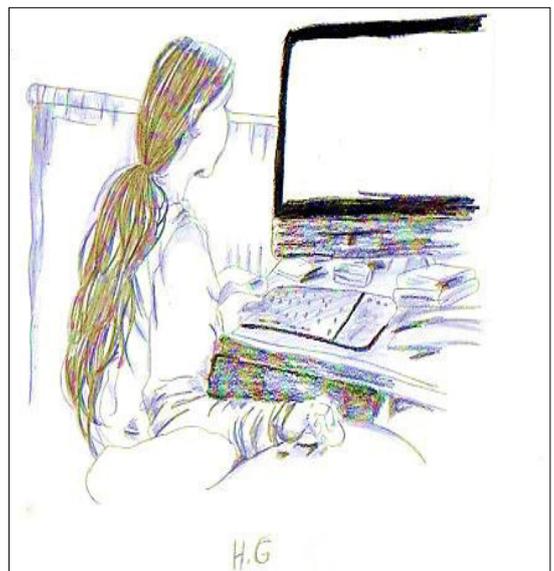
Fonte: Target.com , 2017.

Toda atividade de escrita deve partir de um **rascunho**. Não é habitual em nossas salas de aula trabalharmos junto aos alunos a relevância do rascunho. Muitos não adquiriram ainda a prática da reescritura e a julgam, na maioria das vezes, etapa dispensável ou até mesmo “perda de tempo”. Segundo Boré (2000, p. 68, *apud* FABRE 1994), o rascunho é “um objeto depreciado (tanto do escrevente, quanto do professor), diferente daquele do escritor que é, ao contrário, um objeto exibido/sacralizado”.

Figura 34 – Rascunho rabisco

Trata-se, portanto, de uma cultura que nós, professores, devemos combater. O rascunho é indispensável em qualquer atividade de produção textual, já que é nele que o aluno pode “*escrever à vontade*, sem preocupações com erros e acertos” (ALMEIDA, 2015. p. 25). (Grifo do autor).

O professor precisa deixar claro para o aluno que o objetivo da feitura do rascunho não é apenas para a correção de problemas ortográficos, melhoria da letra ou eliminação de borrões



Fonte: Jorsh cabana, 2017.

Obviamente, todos esses aspectos podem ser considerados; no entanto, não são os pontos cruciais para a elaboração de rascunhos. Este produto concreto da produção textual dá ao aluno, mediante a orientação precisa do professor, a possibilidade do melhoramento das ideias, dos argumentos, das reflexões, da construção dos significados das palavras em si.

Não há exatamente um número de reescrituras adequadas de um texto. Algumas produções, por exemplo, necessitam apenas de uma ou duas reescrituras. Outras, porém, pedem várias.

Mas sempre com o devido cuidado para a quantidade de correções feitas pelo professor não influenciar demais nas palavras do aluno e acabar por modificar ou falsear o texto deste. Ou seja, o professor pode orientar a escrita do aluno, mas não escrever por ele. As palavras ditas pelo estudante precisam ser aproveitadas.

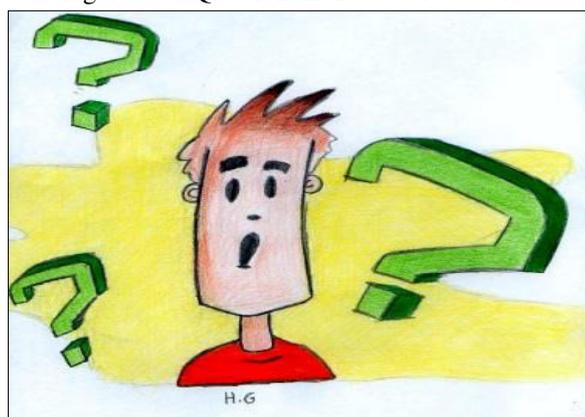
#### Quadro 10 – Perguntas/guia

1. O que devemos considerar na escrita da pesquisa do aluno?
2. Quais orientações devemos repassar em classe?
3. Como guiar esse aluno de forma que ele não copie, não plagie textos alheios?
4. Como desenvolver essa autonomia já no ensino fundamental?

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Quando não, sugerir substituições, eliminações, mas sempre explicando o porquê de tal atitude. Eis que durante o processo da escrita, alguns questionamentos precisam ser levantados por nós, professores.

Figura 35 – Questionamentos sobre a escrita



Fonte: The tyish, 2017.

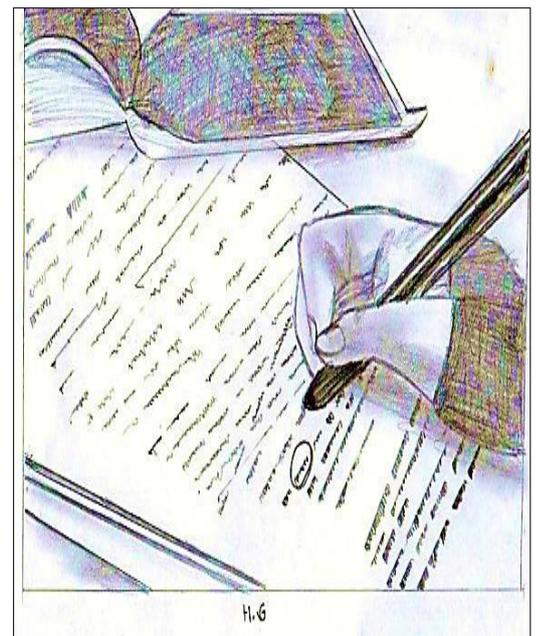
O aluno coletou as informações das quais precisava para a escrita da pesquisa e isso não pode ser desconsiderado. O professor deve aproveitar essa produção da melhor maneira possível. É durante o processo da escrita que devemos orientar nossos alunos para a autonomia na produção textual. Os textos surgem a partir de outros textos, mas devem ter visíveis neles a marca da escrita do aluno, suas reflexões, seus questionamentos, suas críticas. Escrever uma pesquisa, mesmo sendo apenas para conhecer mais sobre o tema (geralmente, este é o objetivo da pesquisa no Ensino Fundamental), também requer a presença identitária do aluno no texto.

A escrita do aluno é processo contínuo e só deve ser interrompida pelo professor quando este “finalizá-la”. Segundo Passarelli (2012, p. 144):

Todos os sujeitos possuem habilidades para realizar processos e, portanto, têm estratégias próprias de produção textual escrita e ritmo de trabalho. Entretanto, algumas condições podem ser prejudiciais. No momento em que pessoas inexperientes escrevem algumas palavras, já começam a imaginar que estão cometendo um erro: param continuamente de escrever para resolver dúvidas de vocabulário, para reler e, em geral, ficam ansiosos. Recorrer a estratégias que levem o sujeito a parar podem não ser produtivas, uma vez que o fluxo das ideias é interrompido a todo momento e, com isso, perde-se o foco.

Figura 36 – Revisão de textos

Escrever requer responsabilidade mesmo no Ensino Fundamental. Além de muito trabalho, o processo da revisão é extremamente relevante. E mais uma vez lembramos, os rascunhos devem ser revisados quantas vezes o professor achar necessário. Neste manual não trataremos das estratégias de revisão de texto (anotações, bilhetes, sublinhamentos, etc.). Cada professor tem suas próprias estratégias e sabe quais os alunos compreendem melhor, ou seja, quais são realmente funcionais para a orientação da turma.



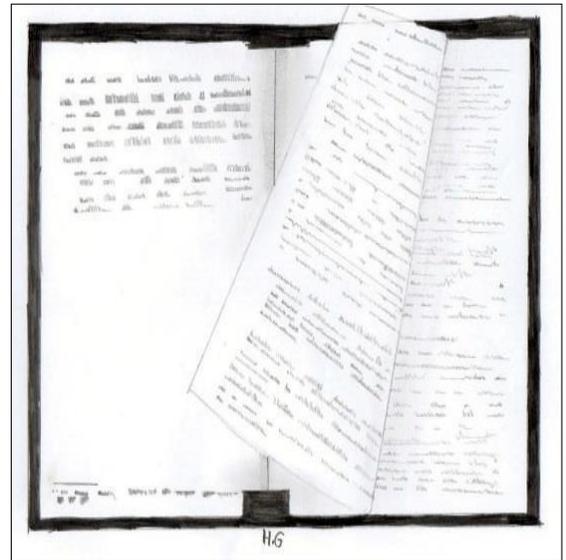
Fonte: Pinterest, 2017.

Ainda, conforme Passarelli (2012, p. 147):

Quando o professor assume desempenhar o papel de incentivador e organizador da produção escrita de seus alunos, ele tem de desvincular de certos procedimentos que nosso sistema escolar legitimou, como é o caso de priorizar o produto final em detrimento da realização das etapas que compõem o processo.

Embora os professores possam orientar e trabalhar com os alunos várias estratégias para a produção escrita do texto, consideramos a leitura estratégia crucial para a produção textual do aluno. Ou seja, a leitura e a releitura dos dados coletados darão o suporte necessário para a eficiência na produção escrita da pesquisas.

Figura 37 – Livro de leitura



Fonte: Andrea Smith Pennoyer, 2017

Almeida (2015, p. 11), traz questionamentos para a escrita que julgamos válido transcrever aqui de forma adaptada:

Quadro 11 – Questionamento sobre os procedimentos a serem tomados pelos alunos

O que o aluno vai escrever?	Que temática será explorada?
A escrita partirá do quê?	O aluno tem referências para escrever?
Para que o aluno vai escrever?	Qual o objetivo para aquela escrita? O professor apenas observará a produção ou fará uma avaliação da mesma?
Quais são os possíveis leitores para aquela escrita?	Neste caso, vários aspectos precisam ser considerados, desde à linguagem do texto até o estilo adotado.
Como o professor procederá à correção da escrita do aluno?	A forma do texto e o conteúdo terão o mesmo valor? Serão avaliados de maneira semelhante?

Fonte: Adaptação nossa, 2017.

Texto escrito, lido e revisado pelo professor, observamos se os alunos apresentaram as referências dos *sites* pesquisados na internet. O aluno do Ensino Fundamental não precisa ser

especialista nas normas da ABNT<sup>18</sup>, nem os do ensino superior, nem nós, professores, muitas vezes somos. Talvez a simples menção sobre tais normas seja suficiente neste momento. Entretanto, apresentar no final do texto as referências dos *sites* pesquisados é obrigatório.

Figura 38 – Página de pesquisa da *google*



Fonte: *Google*, 2017.

Nota: Entende-se como referência dos *sites* o conteúdo acima destacado em cor verde, onde verifica-se a fonte pesquisada.

O aluno pode apresentar as referências dos *sites* apenas elencando-as no final. Acreditamos que a orientação sobre a forma correta de se apresentar estas referências pode ser gradual. Isto vai do entendimento do professor em relação ao desempenho da turma. O docente sabe até onde seguir nestas orientações. Diante do trabalho escrito, nós, professores, mais uma vez devemos nos questionar:

<sup>18</sup> Associação Brasileira de Normas Técnicas. Disponível em: <www.unirio.br/unirio/cchs/ess/Members/lobelia.faceira/metodologia...abnt.../file >. Acesso em 29 de novembro de 2017.

Quadro 12 – Gênero discursivo/textual

**Que gênero discursivo/textual solicitei ao meu aluno como resultado final de sua pesquisa? Na verdade, solicitei algum gênero? Deixei claro para o aluno qual o produto final ele iria**

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Figura 39 – O professor e o gênero discursivo textual



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Professor, seguiremos agora falando um pouco dos gêneros discursivos/textuais como culminância para qualquer atividade de pesquisa, desde que a pesquisa se proponha a trazer mais informações sobre determinado tema, bem como transformar estas informações em conhecimento.

A pesquisa que tratamos neste manual é aquela frequentemente utilizada no Ensino Fundamental: diante de uma temática, os alunos coletarão informações sobre o assunto, farão as devidas leituras e releituras, farão escritas e reescritas destas informações, passarão pelas revisões do professor e apresentarão um texto oral ou escrito (gênero discursivo/textual) com os conhecimentos adquiridos sobre o tema.

Vejamos, portanto, algumas informações sobre os gêneros. Professores de outras disciplinas não se assustem, pois vocês já trabalham com os gêneros constantemente em suas aulas, ainda que desconheçam este conceito.

### 6.9 Mas, o que é mesmo gênero discursivo/textual?

Tentaremos ser breves neste ponto, visto que o objetivo não é fazer uma formação sobre os gêneros. Mas apenas, deixar claro que estão presentes no nosso dia a dia e fazemos uso eles a todo instante, fora e dentro da sala de aula. Vamos lá!

Figura 40 – Gêneros discursivos/textuais



Fonte: Jen Putnam, 2017.

Marcuschi (2010, p. 149), já dizia que “o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”. Partindo desse pressuposto, e já defendido anteriormente, entendemos que o trato da língua (língua portuguesa) em sala de aula não deve ser exclusividade dos professores de português, uma vez que todas as outras disciplinas utilizam da língua materna em suas exposições, exemplificações, atividades orais e escritas, apresentações, questionamentos, etc.

Os gêneros estão no nosso dia a dia e a nossa comunicação acontece por meio deles. A aula expositiva que diariamente oferecemos aos nossos alunos é um gênero discursivo/textual. Os gêneros têm função, forma, estilo e conteúdo bem definidos.

Figura 41 – Gêneros discursivos/ textuais: exemplos



Fonte: Eplú management suport, 2016<sup>19</sup>.

Quando usamos da aula expositiva para tratarmos de conteúdos como o aquecimento global, por exemplo, temos objetivos previamente definidos, dentre eles, a exposição de informações aos alunos.

O trabalho com os gêneros, conforme já mencionado, não se limita a aula de português. As atividades que solicitamos aos nossos alunos, independentemente da disciplina, em sua maioria concretizam-se em gêneros. A atividade de pesquisa, em especial, já se configura um gênero; e o resultado final deste tipo de exercício também resultará em um gênero discursivo/textual, seja ele oral ou escrito.

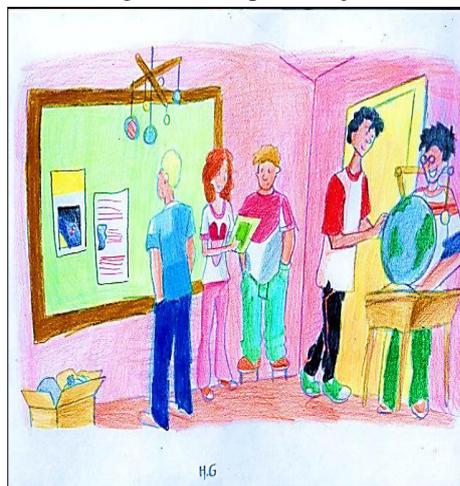
<sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.internacionaldaamazonia.com/single-post/2016/06/21/O-papel-das-M%C3%ADdias-Sociais-na-constru%C3%A7%C3%A3o-da-Realidade-na-Contemporaneidade>>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

A escolha de um gênero não se dá de forma aleatória. São levados em conta e principalmente o contexto social, as necessidades e a intencionalidade dos sujeitos e ainda o convencionalismo regulador das esferas comunicativas nas quais os gêneros se encontram. Em outras palavras, nós professores, deveremos escolher um gênero para a culminância do trabalho de pesquisa do aluno, considerando a situação na qual a pesquisa será compartilhada, os interlocutores dessa pesquisa, a intencionalidade do trabalho do aluno para com aquela temática, quais as necessidades de se pesquisar aquele conteúdo, e ainda, o estilo, a composição, a função, próprios daquele gênero.

É necessário, portanto, que deixemos claro para os alunos qual (is) gênero (s) queremos que estes apresentem ao final da atividade de pesquisa. Entretanto, antes da solicitação da escritura do gênero, é imprescindível que o professor apresente aos alunos exemplos do gênero proposto (resumo, reportagem, notícia, etc.). O aluno precisa deste primeiro contato (talvez mais de um momento), para a leitura e o entendimento sobre a funcionalidade, o estilo, a composição do gênero.

Professor, tratemos aqui o gênero discursivo/textual como algo que será solicitado ao aluno para a “entrega final”, e poderá vir materializado em forma de texto, imagem, som, vídeo, gráfico, mapa, apresentação oral, declamação, peça de teatro, etc. O importante é que o senhor esclareça para o aluno o que realmente deseja que ele entregue. Até por acreditarmos e defendermos que toda atividade de pesquisa proposta em sala de aula tem um propósito definido que não apenas a coleta pura e simples de informações.

Figura 42 – Apresentação



Fonte: For you pauletetm, 2017.

A transformação destas informações coletas em conhecimento por parte do aluno, gerando/comprovando com a apresentação de um produto final próprio, enriquece a atividade

de pesquisa, uma vez que traz algo “palpável, visível” ao educando e aos pares, algo que pode ser apresentado, compartilhado, dividido. E tudo isso gera um grande interesse por parte dos alunos. Afinal, quem não gosta de ver seu trabalho reconhecido, apreciado, visto por outras pessoas?

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, professor, diante de tudo que foi proposto neste manual, chegamos à conclusão de que a pesquisa escolar precisa ser ensinada. Não é uma habilidade natural do aluno. Ele aprende na escola com os nossos ensinamentos.

Esse ensino segue um passo a passo que vai desde a investigação sobre o conhecimento que os alunos têm da prática da pesquisa, da escolha de uma temática que os interesse, dos objetivos da atividade, do suporte escolhido para a realização do trabalho, da coleta das informações, das leituras do material pesquisado, da escrita e reescrita da pesquisa, da entrega do produto final ao professor até divulgação do exercício a um público pré-definido. Ou seja, a pesquisa escolar não pode ser algo gratuito, vazio de significado, atividade eleita apenas com o propósito de atribuir uma nota e por assim dizer, “cumprir tabela”.

Precisamos, professores, dar a pesquisa escolar a devida importância que esta merece. Trata-se de um exercício que proporciona dentre outras coisas, a autonomia do alunado na construção do seu próprio conhecimento. Todavia, o sucesso para este tipo de atividade depende em grande parte de nós, da nossa mediação, da nossa orientação. Precisamos guiar nossos alunos, ajudá-los no passo a passo com a pesquisa proposta.

Figura 43 – Ideia assertiva



Fonte: Hermison Gustavo, 2017.

Ajudar, ressaltamos, não significa fazer a pesquisa por eles, ou “pegar na mão” do início ao fim do processo. Guiar é mostrar os caminhos a serem seguidos e deixar que eles percorram.

Um outro aspecto importantíssimo no tocante à pesquisa escolar é a função que esta deve ter. A pesquisa na escola deve, obrigatoriamente, servir para construir conhecimento e para partilhar esse conhecimento construído. Não devemos engavetar a pesquisa do nosso aluno. Mesmo que esta não seja apresentada ou divulgada para outros, ela deve ser útil ao próprio educando que deve tirar deste trabalho conhecimentos que não dispunha anteriormente.

## REFERÊNCIAS – DO MANUAL

- ALMEIDA, R. C. S. **Práticas de leitura e produção de texto**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.
- BAGNO, M. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 26. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- BARROS, J. A. **Pesquisa escolar na internet**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- BORÉ, C. O rascunho, incontrolável objeto de estudo? **Debates em Educação**. Maceió, Vol. 5, n. 10, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/download/1135/799>>. Acesso em: 28 ago. 2017.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 10. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.
- JOUVE, V. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- KROKOSZ, M. **Outras palavras sobre autoria e plágio**. São Paulo: Atlas, 2015.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 9ª reimpressão. São Paulo: Parábola, 2010.
- PASSARELLI, L. M. G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.
- SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.
- SEVERINO, A. J.; SEVERINO, E. S. **Ensinar e aprender com pesquisa no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência que acumulamos ao longo dos anos faz-nos repensar muitas de nossas atitudes, de nossas formas de agir e de pensar, de nossas práticas enquanto pessoas e profissionais que somos. Aquilo que considerávamos “verdade inquestionável”, muitas vezes é desconstruído de forma rápida, com a participação direta de outras opiniões ou simplesmente pelo fato de nossas ideias, nossos anseios, nossos desejos já não serem mais os mesmos.

As mudanças ocorrem nos vários campos da vida: sentimental, intelectual, profissional, etc. Detendo-nos especificamente ao campo profissional, ao trabalho de professor, vemos que as práticas devem estar em constante mudança, tendo em vista que o público-alvo a quem “servimos”, muda frequentemente (comportamento, atitudes, expressões, linguagens, etc.). E nós, professores, precisamos seguir o curso dessas mudanças para que nossa prática não se torne um trabalho vazio, desprovido de objetivos, sem propósitos definidos e preso a ideias ultrapassadas. Deve ser uma prática de aperfeiçoamento e mudança constantes.

Todo o planejamento que fazemos, considerando os objetivos, os conteúdos programáticos, a metodologia a ser utilizada, os processos avaliativos a serem trabalhados precisam estar em consonância com os anseios do público presente em nossas salas de aula. O nosso aluno deverá saber o que vai aprender, como vai aprender, o porquê daquele aprendizado e para que servirá em sua vida tudo aquilo que fora aprendido. E os professores precisam antes de mais nada, clarear e mediar todas estas informações para os estudantes, tentando, assim, atingir um dos objetivos da escola que é letrar o aluno para a vida em seu contexto social.

Direcionado mais especificamente para a pesquisa escolar no Ensino Fundamental, que foi o foco deste trabalho, notamos o quanto este tipo de atividade, considerada uma das preferências dos professores, precisa ser reorganizada, remodelada, repensada, antes de solicitarmos aos alunos. A pesquisa não pode nem deve ser algo gratuito, vazia de significado. Precisar sempre de propósitos e objetivos definidos, bem como da mediação direta dos professores durante toda a realização do exercício. É imprescindível que o docente forneça aos alunos “as condições adequadas para que a aprendizagem seja produzida [...], contribua para que eles sejam responsáveis por sua aprendizagem, analisem seus problemas e cheguem a soluções com ajuda dos colegas e deles mesmos” (LORENZO, 2011, p. 123).

Partindo dessas considerações, o nosso trabalho considerou a prática da pesquisa escolar solicitada por professores do Ensino Fundamental, ou seja, como os docentes que atuam neste nível de ensino solicitam aos alunos este tipo de atividade e como as orientam, mediam-nas, direcionam-nas. Além disso, considerando nosso objetivo geral, que é o de propor estratégias que auxiliem os docentes em suas propostas de pesquisa escolar direcionadas aos alunos do Ensino Fundamental, apresentamos um manual a fim que esse auxílio dê-se de maneira mais coerente e contribua para que o aluno construa seu próprio conhecimento de maneira efetiva.

Considerando os objetivos específicos do nosso trabalho - verificar como os professores participantes do trabalho consideram a pesquisa em seus planos de ensino, como orientam este tipo de exercício, como compreendem a pesquisa escolar em si e a Internet enquanto suporte e, ainda, os gêneros discursivos/textuais como produto final a ser apresentado pelo aluno – constatamos algumas disparidades entre o dito e o feito pelos docentes.

Verificando os planos de ensino, observamos que a pesquisa escolar se fez presente em todos os documentos. No entanto, houve variação nas seções em que o exercício se encaixava, perpassando pelos procedimentos metodológicos e pelos instrumentos avaliativos. Houve consenso por parte dos docentes ao considerarem a pesquisa uma atividade individual ou coletiva a ser realizada pelos alunos.

Em se tratando da forma como os professores compreendem a pesquisa escolar, foram unânimes em considerá-la uma atividade imprescindível no Ensino Fundamental. Para tanto, justificaram que a pesquisa contribui para a construção de atividades mais significativas, posto que os livros didáticos nem sempre contemplam todos os conteúdos necessários para aquele nível de ensino.

No tocante às orientações dadas aos alunos para a realização do exercício, todos responderam afirmativamente que orientavam os estudantes de maneira precisa. As orientações aconteciam oralmente e mesmo por escrito e compreendiam os seguintes aspectos: questionamentos sobre a temática, seleção das leituras, escolhas das informações e das fontes, estrutura do texto, referências, etc.; seguindo-se, ainda, a eliminação das possíveis dúvidas surgidas durante a atividade.

No que diz respeito ao suporte para a realização deste tipo de exercício, a Internet recebeu lugar de destaque. O ambiente virtual é visto como o maior e mais importante apoio do estudante para pesquisar as informações das quais precisa. Justificaram para isso, a

diversidade de conteúdo informacional disposto, a rapidez em acessá-lo e potencial presença da *Web* na vida do alunado.

Quanto à questão dos gêneros discursivos/textuais como produto final resultado da pesquisa feita, todos os docentes disseram solicitar aos alunos. Muito embora não tenham deixado especificado quais “produtos” costumam requerer dos estudantes. Ressaltaram que nem sempre o aluno entrega aquilo que o professor solicitou e elencaram os mais diversos motivos para isso, dentre eles, os já conhecidos problemas relacionados à escola pública.

Tendo em vista tudo o que foi proferido pelos docentes no questionário e o que fora identificado por nós em seus planos de ensino, notamos mais disparidades quando comparado ao solicitado nas propostas de atividades de pesquisa. Os enunciados produzidos pelos docentes distanciaram-se e muito das ideias apresentadas por eles. Foram enunciados “vazios” de qualquer orientação/mediação sobre a pesquisa escolar em si. Os professores, quando muito, apresentavam para os alunos apenas as temáticas a serem pesquisadas e as datas de entrega dos exercícios.

Não nos surpreenderam tais atitudes dos docentes, uma vez que já observávamos este comportamento há bastante tempo em sala de aula, com os registros dos enunciados de pesquisa deixados escritos nas lousas das salas e repassados para nós pelos próprios alunos, que chegam cheios de dúvidas sobre a realização da atividade.

Diante desse emaranhado de disparidades apresentadas, veio-nos a ideia da produção do manual de pesquisa escolar destinados a auxiliar os professores do Ensino Fundamental nestas atividades. O manual traz passos de como o docente deve seguir para solicitar ao aluno exercícios de pesquisa. Passos que vão desde a discussão da temática até a definição clara de um produto final a ser entregue pelo estudante. Não se trata de um manual de metodologia de pesquisa específico. Este manual vem apenas como um auxílio aos nossos colegas professores. Traz uma linguagem clara e procuramos topicalizá-los da maneira mais simples possível. O propósito aqui é colaborar com o corrido tempo que os professores do Ensino Fundamental têm para a realização de leituras.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontros & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, M. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 26. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- BOOTH, W.; COLOMB, G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. Trad. Henrique A. Rego Monteiro. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1º e 2º ciclos do ensino fundamental)**. v. 3. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2017.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- COSCARELLI, C. V. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.
- \_\_\_\_\_. Alfabetização e Letramento digital. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011. p. 25-40.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 10. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.
- DUDENEY, G.; HOCLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2016.
- ECO, H. O dilúvio da informação. In: MENAI, T. **Uma jornalista brasileira em Nova York**. (Entrevistas), Nova York, 2000. Disponível em: <[http://www.taniamenai.com/folio2/2000/12/umberto\\_eco.html](http://www.taniamenai.com/folio2/2000/12/umberto_eco.html)>. Acesso em: 12 março de 2017.
- FERRAREZI JR, C; CARVALHO, R. S. **Produzir textos na educação básica: o que saber, como fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- FERREIRA, A. B. H. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 583.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FREIRE, F.; ALMEIDA, R. Q.; AMARAL, S. F. **A leitura nos oceanos da internet**. Ezequiel Theodoro da Silva (Coord.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1483.

KLEIMAN, A. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, jul. 2007. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196>>. Acesso em: 30 janeiro de 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 9ª reimpressão. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

MERCADO, L. P. L. A internet como ambiente de pesquisa na escola. In: \_\_\_\_\_. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 191-207.

MINAYO, M. C. (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAN, J. M. Internet e ensino. **Comunicação & educação**, São Paulo, n. 1141, p. 17-26, jan./abr. 1999.

\_\_\_\_\_. Como utilizar a Internet na educação. *Ci. Inf.*, Brasília, v.26, n.2, p.1-8, maio/ago. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-5.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2016.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção de textos na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

NININ, M. O. G. Pesquisa na escola: que espaço é esse? O do conteúdo ou o do pensamento crítico? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 17-35, dez. 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Maria\\_Ninin/publication/262622398\\_Research\\_in\\_the\\_school\\_what\\_is\\_this\\_space\\_for\\_content\\_or\\_critical\\_thought/links/54b53df40cf28ebe92e4de7f.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Maria_Ninin/publication/262622398_Research_in_the_school_what_is_this_space_for_content_or_critical_thought/links/54b53df40cf28ebe92e4de7f.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Bagaço, 2005.

RANGEL, M.; FREIRE, W. **Educação e tecnologia: texto, hipertexto e leitura**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

RIBEIRO, A. E. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, Niterói, v.8, n. 1, p. 15-38, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.abralin.org/site/data/uploads/revistas/2009-vol-8-n-1/anaelisa.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011. p. 126-150.

RICARDO-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

ROCHA, T. M. **A importância da reescrita nas atividades de produção de texto no ensino superior**. São Paulo: SENAC/SP, 2014.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

\_\_\_\_\_. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; DÉSIREE, M-R. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SALETE, M. Gênero(s) resumo na perspectiva Bakhtiniana. In: ENCONTRO CELSUL - CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 6., Florianópolis, 2000. Anais... Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000. Disponível em: <<http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/46/Resumo%20g%C3%AAneros%20da%20perspectiva%20bakhtiniana.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SANTANA, M. D.; SILVA, G. A.; SANTANA, C. M. H. Leitura e internet: desafios no processo de aprendizagem no século XXI. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS – EPEAL, 5., Maceió, 2010. **Anais...** Maceió: UFAL, 2010. Disponível em: <<http://dmd2.webfaccional.com/media/anais/LEITURA-E-INTERNET---DESAFIOS-NO-PROCESSO-DE-APRENDIZAGEM-NO-SECULO-XXI.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2016.

SANTOS, J. O. **Práticas de letramento e interação sócio-cultural: um olhar sobre a experiência da Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. São Paulo: Unesp, 2004. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 12 de março de 2017.

SQUARISI, D; SALVADOR, A. **Escrever melhor: guia para passar os textos a limpo**. 2. ed. 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015.

TÉBAR, L. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação**. Tradução de Priscila Pereira Mota. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010 (Coleção questões da nossa época; v.15).

VALENTE, J. A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. Gestão Escolar e Tecnologias. Formação de gestores para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Tecnologia, Currículo e Projetos**. Brasília: MEC; Seed, 2005. p. 20-31. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

VIANA, A. C. **Guia de redação: escrever melhor**. São Paulo: Scipione, 2011.

XAVIER, A. C. S. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 133-148. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

## APÊNDICE A

### MODELO DO QUESTIONÁRIO APLICADO

1 - Que tipo de atividade você prioriza em suas aulas? Como faz esta escolha? Segue alguma orientação?

2 - Você propõe atividades de pesquisa escolar para os alunos? Em sua opinião, qual a relevância destes exercícios para alunos de 9º ano?

3 - Você costuma orientar os alunos nestas atividades? Quais os passos desta orientação?

4 - Você considera satisfatória a maneira como os alunos realizam os exercícios de pesquisas? Por quê?

5 - Na sua formação acadêmica, a pesquisa era uma prática recorrente? Os professores, em suas disciplinas, orientavam esta prática?

6 - Você utiliza a internet? Sim (  ) Não (  )

Se sim, onde? Em casa (  ) No trabalho (  )

Para quê? Acessar redes sociais (  ) Trabalhar (  ) Pesquisar assuntos diversos (  )

Com que frequência faz uso? Pouco (  ) Moderado (  ) Muito (  ) Não uso (  )

7 - De que forma você avalia a internet como um suporte para a realização da pesquisa do aluno? Quais benefícios você poderia elencar?

8 - Quando você solicita uma pesquisa ao aluno, há uma definição do produto final (gênero discursivo/textual) que ele precisa entregar?

Sim (  ) Não (  ) Às vezes (  )

9 - As atividades de pesquisa realizadas pelos alunos e o produto final gerado estão de acordo com o que você propõe?

Sim (  ) Não (  ) Às vezes (  )